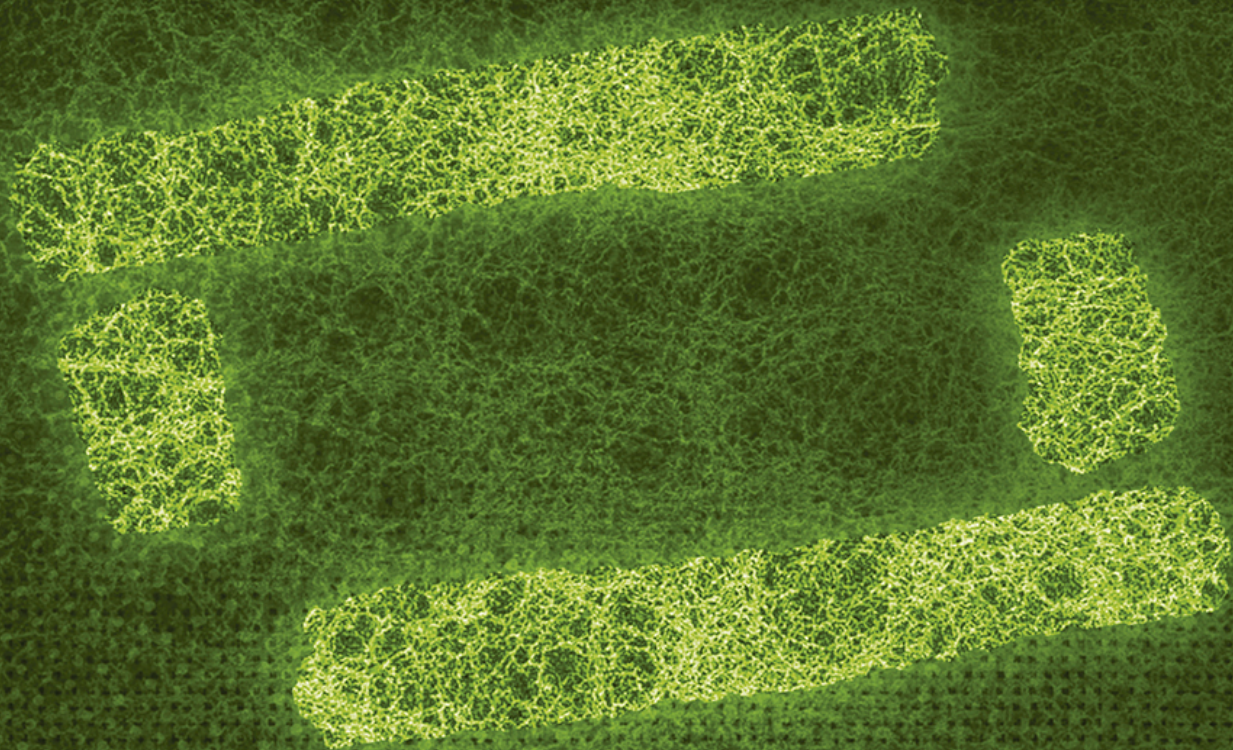


OS ARQUIVOS PERDIDOS

OS LEGADOS DO NÚMERO CINCO



PITTACUS LORE

AUTOR DO BEST-SELLER EU SOU O NÚMERO QUATRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PITTACUS LORE

OS ARQUIVOS PERDIDOS:
OS LEGADOS DO NÚMERO CINCO

OS LEGADOS  DE LORIEN

TRADUÇÃO DE FLORA PINHEIRO



Copyright © 2014 by Pittacus Lore

Todos os direitos reservados à Full Fathom Five, LLC.

TÍTULO ORIGINAL

The Lost Files: Five's Legacy

TRADUÇÃO

Flora Pinheiro

PREPARAÇÃO

Pedro Staite

REVISÃO

Juliana Pitanga

Anna Beatriz Seilhe

CAPA

Julio Moreira

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-565-1

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



CAPÍTULO UM

— Os mogs estão aqui!

Acordo de imediato e me sento de supetão, torcendo para que a frase seja apenas parte de um pesadelo.

Mas não é.

— Eles chegaram — Rey sussurra outra vez, atravessando a pequena cabana até a cama improvisada com cobertores onde eu dormia.

Levanto em segundos. Rey balança diante de mim a lanterna movida a energia solar, me cegando. Eu me encolho e ele a desliga, deixando-me na mais completa escuridão. Enquanto ele me empurra em direção à porta dos fundos, tudo o que vejo é um feixe de luz prateada entrando pela janela.

— Vá pelos fundos. — A voz dele transborda inquietação e medo.
— Vou atrasar os mogs. Anda logo, vá.

Estendo as mãos para onde ele estava alguns instantes antes, mas não o encontro. Não consigo enxergar nada, ainda estou cego por causa da luz da lanterna.

— Rey...

— Não — ele me interrompe, a voz vinda de algum lugar na escuridão. — Se você não sair agora, *nós dois* vamos morrer.

Ouçó um estrondo perto da entrada da cabana, seguido pelo som de algo — ou de alguém — chocando-se na porta. Rey deixa escapar um gemido aflito, mas o interior da cabana ainda não passa de um abismo negro. Sei que a tranca de metal da porta não vai aguentar muito mais, ela serve mesmo para intimidar. Alguém que *realmente* quer entrar só tem que explodir as finas paredes de madeira. E se forem os mogs...

Não há tempo para pensar, apenas para agir. Eles estão atrás *de mim*. Preciso fugir para um lugar seguro.

Rasgo o pedaço de pano que serve como cortina e me jogo pela pequena janela. Caio com um baque surdo, bem em uma poça de alguns centímetros de lama, lodo e outras coisas que não quero nem imaginar — estou no chiqueiro.

Um único pensamento cruza minha mente: *Vou morrer como um garoto de treze anos, coberto de esterco, em uma ilha no meio do nada.*

A vida é tão injusta.

Os porcos guincham — porque perturbei o sono deles —, e o som me traz de volta ao presente. Por causa dos exercícios físicos e das lições de anos de treinamento, sigo em frente no piloto automático, olhando ao redor para ter certeza de que nenhum mog alcançou a parte de trás da cabana. Começo a me perguntar qual é o plano deles. Se tivessem *certeza* de que estou na ilha, eu já estaria cercado. Não... Deve ser um mensageiro que nos encontrou por acaso. Talvez tenha tido tempo para nos delatar aos outros, talvez não. De qualquer jeito, preciso sair da linha de fogo. Rey vai cuidar do mensageiro e vai ficar bem. Pelo menos é o que digo a mim mesmo, optando por ignorar a aparência frágil de Rey nos últimos tempos.

Ele *precisa* ficar bem. Sempre fica.

Sigo em direção à mata atrás da cabana. Meus pés descalços afundam na areia, como se a própria ilha estivesse tentando me atrasar. Estou vestido apenas com meus shorts escuros de academia, e os galhos e arbustos à volta arranham meu peito e a barriga quando me escondo entre as árvores. Já fiz isso antes, uma vez, no Canadá. Naquela ocasião, meus casacos e algumas bolsas me atrapalharam, mas tivemos mais tempo para nos prepararmos. Agora, na noite quente e úmida do Caribe, apenas minha falta de energia me atrasa.

Enquanto me lanço na mata fechada, penso em todas as manhãs nas quais devia ter corrido na praia ou feito trilhas pela floresta, mas que, *na verdade*, passei jogando paciência ou apenas vadiando, fazendo o que eu realmente queria, como desenhar na areia, criar

pequenas histórias com bonequinhos de palito. Rey sempre dizia que eu não deveria pôr nada no papel, já que diários ou anotações poderiam ser encontrados e então usados para comprovar minha identidade. Palavras e desenhos na areia, porém, eram temporários. Quando a maré subia, minhas histórias sumiam. E só essas atividades já me deixavam suado, por causa desse clima maldito, então eu voltava até Rey fingindo estar exausto. Ele comentava o tempo da minha corrida imaginária e me recompensava com um bom almoço. Rey é mestre em delegar tarefas, mas não está bem dos pulmões e sempre confiou que eu estivesse treinando de acordo com suas instruções. Não tinha motivos para duvidar de mim, não tinha motivos para pensar que eu não levaria nossa situação a sério.

Eu não deixava de fazer os exercícios físicos apenas porque não queria suar até a alma no calor. O que eu odiava mesmo era a monotonia. Correr, levantar peso, alongar, treinar a mira, repetir... dia após dia. Além disso, morávamos no meio do nada. A ilha nem mesmo consta dos mapas. Nunca pensei que os mogs nos encontrariam.

Agora temo estar pagando o preço. Corro, ofegante. Estou completamente despreparado para este ataque. Aquelas manhãs à toa na praia ainda vão me matar.

Não demora muito e sinto uma pontada na lateral do corpo, tão dolorosa que chego a pensar que um de meus órgãos explodiu. Estou sem fôlego, e a umidade do ar parece querer me sufocar. Minhas mãos agarram os galhos mais baixos e pego impulso, abrindo caminho por entre a folhagem densa e arranhando a sola dos pés em galhos caídos e conchas afiadas como navalhas. Em alguns minutos, a cobertura de árvores acima de mim é tão densa que só alguns pontinhos de luar a atravessam. A mata selvagem deu lugar a uma enorme floresta tropical.

Estou sozinho, no escuro, em uma floresta tropical, sendo perseguido por monstros alienígenas.

Paro, sem fôlego, apertando a lateral do corpo. A ilha é pequena, mas devo ter atravessado apenas um quinto dela. Do outro lado, um pequeno caiaque está escondido à minha espera, junto com suprimentos e um kit de primeiros socorros. É a última chance de

escapar, algo que me permitirá me camuflar na escuridão e desaparecer no oceano. Mas isso parece tão distante agora, com meus pulmões protestando em desespero e os pés descalços sangrando. Recosto em uma árvore, tentando recuperar o fôlego. Algo desliza pela floresta a alguns metros de mim e dou um pulo, mas é apenas um dos pequenos lagartos verdes que infestam a ilha. Mesmo assim, meu coração bate com força no peito. Estou tonto.

Os mogadorianos estão aqui. Vou morrer.

Não consigo nem imaginar o que Rey deve estar fazendo lá na cabana. Quantos mogs estão lá? Quantos ele é capaz de derrotar? Espero que eu esteja certo, que seja apenas um mensageiro. Me dou conta de que não ouvi tiros. Será isso um bom sinal, ou significa que aqueles malditos o pegaram antes mesmo de ele disparar um único tiro?

Continue em frente, digo a mim mesmo, então recomeço a correr. Minhas panturrilhas estão pegando fogo, e os pulmões parecem prestes a rasgar toda vez que inspiro. Tropeço e desabo no chão, perdendo o pouco fôlego que tinha.

Ouçó som de movimento nas árvores atrás de mim.

Olho ao redor. Sem ver o céu direito, não consigo mais saber em que direção estou indo. Estou completamente ferrado. Preciso fazer alguma coisa.

Descarto o plano de atravessar a ilha. Não estou em condições de fazer isso. Por um instante, penso em me entocar em algum lugar da mata — talvez encontrar um lugar para me esconder até que eu possa atravessar a floresta —, mas aí me lembro das aranhas do tamanho de um punho, das formigas e das cobras que poderiam estar à espreita; também imagino um mensageiro mogadoriano tropeçando em mim sem querer.

Então decido subir. Reúno todas as minhas forças e uso algumas trepadeiras grossas para me erguer até os galhos mais baixos de uma árvore próxima. Só consigo pensar nos diferentes tipos de bestas que, segundo Rey, estão sob o comando dos mogs, e em como todas ficariam felizes em me estraçalhar.

Por que não temos bestas gigantes do inferno lutando ao *nosso* lado?

Meus braços estão tremendo quando me agacho no galho. Ele estala sob meu peso enquanto examino a escuridão, torcendo o tempo todo para que nada apareça. Para que eu possa esperar ali até a situação mudar.

Para que tudo isso *acabe*.

Não há como saber quanto tempo passou. Se eu estivesse mais preparado, ou se não houvesse sido pego de surpresa, talvez tivesse me lembrado de pegar o relógio de pulso a caminho da janela. É estranho, o tempo nunca pareceu algo muito importante na ilha, mas agora é mais importante que tudo. Quantos minutos até chegarem mais deles? Quantos segundos até me encontrarem? Tento parar de tremer, acalmar meu estômago embrulhado. A corrida, meu medo e o fedor sufocante dos porcos, que se agarrou em mim com a grossa cobertura de lama, me deixaram com ânsia de vômito. Talvez a camada fedorenta de bosta ajude a me camuflar, pelo menos.

Não é um alento muito tranquilizador.

Por fim, uma silhueta começa a tomar forma na escuridão. Eu me encolho junto à árvore. A figura tem forma humana. Parece um pouco encurvada, andando apoiada em uma bengala enquanto caminha sob o pálido luar. Está usando camisa de linho azul, calças cargo na cor cáqui e tênis que talvez já tenham sido brancos. Tem a barba branca, com alguns fios pretos, e o cabelo despenteado é quase grisalho.

Eu o reconheço na mesma hora, é claro: Rey.

Ele está segurando algo junto ao corpo, embrulhado em um pano. Faço menção de chamá-lo, mas ele me encara com austeridade, com os lábios tremendo, como se estivesse se segurando para não gritar. Fica parado enquanto o silêncio preenche o ar úmido ao redor. Por fim, digo:

— E aí? Acabou com ele?

Rey demora um pouco para responder, apenas desvia o olhar e encara o chão.

— O que você esqueceu?

A voz dele está um pouco trêmula.

— O quê? — pergunto, sem fôlego.

Ele joga o embrulho no chão. Parte do pano cai para o lado, e consigo reconhecer o pedaço exposto.

— A arca? — pergunto.

Minha Arca *Lórica*. Meu pertence mais sagrado. O tesouro que não tenho permissão para abrir. Aquilo que supostamente guarda minha herança e as ferramentas para reconstruir meu planeta de origem, e não posso nem abrir e dar uma espiadinha até Rey julgar que estou pronto, seja lá o que *isso* quer dizer.

— A arca — Rey faz que sim com a cabeça.

Desço da árvore, quase caindo no chão.

— Deveríamos ir logo embora, não? — pergunto. Agora, as palavras jorram. Minha língua confunde as letras enquanto tento dizer um milhão de coisas ao mesmo tempo. — Você não está com nenhuma arma? Ou nossa comida? Para onde vamos agora? Não deveríamos...

— A arca é a coisa mais importante que você deve proteger, depois da própria vida. Deixá-la para trás foi uma estupidez. Da próxima vez, sua prioridade é mantê-la a salvo.

— Do que você...

— Você avançou um quilômetro na floresta — continua Rey, me ignorando. Sua voz está cada vez mais alta, cheia de uma raiva que ele não esconde bem. — Eu não queria acreditar, mas acho que isso prova tudo. Você não tem treinado. Tem mentido para mim sobre o treinamento. Todos os dias.

— Rey...

— Mas eu já sabia. — Ele soa triste. — Conseguia dizer só de olhar para você.

Minha mente está a mil por hora, tentando entender por que ainda estamos parados aqui. Por que ele está preocupado com meu treinamento quando pode haver um exército de mogs a caminho, em nosso encalço? A não ser que...

— Não tem nenhum mog aqui — digo baixinho.

Rey apenas faz que sim com a cabeça e olha para o chão.

Foi um teste. Não, pior: uma armadilha de Rey para expor minha mentira. E mesmo que eu, tecnicamente, não tenha sido muito

honesto sobre o treinamento, não consigo acreditar que Rey me assustaria desse jeito.

— Você só pode estar brincando. — Ao contrário de Rey, não consigo impedir a raiva de transparecer na voz. — Eu estava correndo para salvar minha vida. Achei que fosse *morrer*.

— A morte é o menor dos seus problemas, por enquanto — ele responde, apontando para o meu tornozelo.

Debaixo da camada de lama e esterco de porco há uma marca vermelha feia, que apareceu alguns dias atrás. Uma marca que começou a sarar e depois se tornou uma cicatriz. A marca que, graças a um encantamento de outro mundo, indica que outro de meus companheiros Gardes foi assassinado. Dois morreu. Apenas Três e Quatro estão entre mim e a morte.

Eu sou o Número Cinco.

De repente, me sinto idiota por pensar que estava prestes a morrer. É claro que não estava. Os Números Três e Quatro têm que morrer antes de mim. Eu *deveria* estar preocupado em ser capturado e torturado em troca de informações. Não que Rey me conte qualquer coisa.

E então me dou conta do motivo disso tudo. Desde que a cicatriz apareceu, é como se algo dentro de Rey tivesse partido. Nos últimos anos ele tem ficado cada vez mais doente, e não tenho nem um pouco da força que ele pensa que eu deveria ter. Não desenvolvi nenhum dos poderes mágicos que deveria possuir. Nenhum de nós resistiria muito. É por isso que estamos nos escondendo nesta ilha idiota.

Rey estava com os olhos voltados para o chão, mas enfim olha para mim, encarando-me por um longo momento. Então indica a arca com a cabeça.

— Leve-a de volta — ele manda.

Então some na escuridão, deixando-me sozinho entre os feixes esparsos de luar, encarando a bolsa de lona que guarda a arca.

Não estávamos sendo atacados. Era apenas um teste.

Não vou morrer na ilha. Pelo menos, não hoje.

Pego a arca, segurando-a junto ao corpo, deixando as quinas se afundarem em minha barriga.

Encaro o ponto onde Rey desapareceu na escuridão, e, neste momento, apenas uma emoção me preenche. Não é medo, alívio ou mesmo vergonha de ter sido desmascarado. É a sensação de que a única pessoa que tenho no mundo me traiu.

CAPÍTULO DOIS

O sol nasce enquanto tomo um banho de mar e penso no Canadá, o primeiro lugar onde morei aqui na Terra, pelo que me lembro.

Eu gostava bastante do Canadá.

Lá comíamos tortinhas típicas, batatas fritas com molho de carne e bolotas de queijo borrachudas servidas em barraquinhas na beira da estrada. Mesmo no verão, não era muito quente. Aprendi um pouco de francês. Rey não gostava do frio, mas eu sim. No Canadá, ele se chamava Albert, porque viu em um mapa um lugar chamado Alberta, e achou então que nome o faria parecer um nativo. Às vezes se apresentava como “o Velho Al” quando falava com atendentes ou caixas. Era sempre engraçado quando ele se fazia de ingênuo e fingia ser meu avô, usando palavras como “sabichão”, que ouvira na tevê. Ninguém desconfiava do velhinho simpático e de seu neto.

Lá, meu nome era Cody. Eu gostava de ser Cody. Eu era uma pessoa, não apenas Cinco. À noite, Rey me contava sobre Lorien, os mogadorianos e os outros Gardes — meus semelhantes espalhados pelo mundo —, e como um dia seríamos responsáveis pelo glorioso renascimento de nosso planeta. Naquela época, tudo parecia um conto de fadas. Todos os alienígenas, poderes e outros mundos não passavam de histórias para me convencer a fazer minhas tarefas. Não arrumou sua bagunça? Lorien é que sairia perdendo. Você se esqueceu de escovar os dentes? Os mogs com certeza pegariam você.

Até que eles realmente vieram.

Morávamos em Montreal havia cerca de seis meses, quem sabe até um ano, quando Rey descobriu que estavam atrás de nós. Ainda não sei como. Tudo o que sei é que de repente eu me vi correndo

pela mata atrás de nosso pequeno chalé enquanto alguns mogadorianos seguiam meu rastro. Eu tinha seis anos e estava morrendo de medo. Em algum momento, subi em uma árvore para me esconder. Pensei que me pegariam, até que Rey apareceu, derrubando os mogs com uma pá quebrada e uma espingarda comprada no mercado negro. Ele sempre foi bom com ferramentas.

— Albert... — chamei, da árvore. Sempre nos chamávamos pelos nomes falsos, pois nunca sabíamos quem podia estar ouvindo. — Eles foram embora?

— Albert morreu — respondeu Rey.

Entendi o que ele quis dizer, mesmo sendo tão jovem. Pude sentir dentro de mim. Queria dizer que não estávamos seguros. Queria dizer que não podíamos ficar ali, naquele lugar do qual eu tanto gostava.

Então começamos a viajar, e não paramos por um bom tempo.

Depois de Albert, Rey virou Aaron. Em seguida Andy, Jeffrey e depois James. Eu fui Zach, Carson e Bolt, o último nome que eu próprio escolhi antes de Rey assumir a tarefa. Talvez tenha me esquecido de alguns, parece que foi há tanto tempo... Sei que era Carson quando a tosse de Rey apareceu, assim como suas olheiras profundas. Estávamos acampando nos Apalaches. Ele pensou que o frio o estivesse deixando doente, então começamos a ir para o sul, atravessando os Estados Unidos rumo a um clima mais quente. Por fim, depois de algumas viagens de barco improvisadas que Rey arranjou, fomos parar na Martinica, onde ficamos por um tempo. Mas a tosse de Rey só piorou. Ele vivia me dizendo que já se sentia melhor, mas, depois de um tempo, parei de acreditar.

Sempre soube mentir melhor do que ele.

Quando criança, eu via as mentiras como jogos ou historinhas. Às vezes, as pessoas que encontrávamos faziam perguntas — Onde estavam meus pais? Onde foi que nasci? —, e eu começava a falar, inventando histórias elaboradas sobre mim e Rey. Ter segredos significa contar um monte de mentiras. Não por ser uma má pessoa, mas por necessidade.

Na verdade, *fui treinado* por Rey para mentir sobre todas as corridas e trilhas matinais. Não posso me esquecer de dizer isso a

ele mais tarde.

Às vezes me pergunto se Rey é louco. E se ele for só um maluco que me sequestrou de um lar normal e cheio de amor, e toda esta história de alienígenas for apenas algo da cabeça dele? Talvez ele tenha me drogado ou feito uma lavagem cerebral, criando memórias falsas de um lugar que sequer poderia existir. Ouvei histórias de Lorien a minha vida inteira, mas a única prova que tenho de que qualquer uma delas seja verdade é um bando de caras estranhos que me perseguiram uma vez no Canadá.

Bem, isso e duas cicatrizes que apareceram magicamente no tornozelo, além de uma arca que, dizem, carrega um monte de tesouros. Uma arca impossível de abrir, não importa o quanto se tente. Sei disso porque já tentei descobrir o que há lá dentro um milhão de vezes durante todo este tempo.

O tesouro de Lorien. Certo. Que grande ajuda, aqui no meio do nada.

A praia até que não me incomoda, na verdade. Quer dizer, entendo por que as pessoas passam as férias ali. Quando chegamos ao Caribe, nós nos instalamos perto de *resorts* imensos que recebiam milhares de pessoas. Assistíamos aos turistas que chegavam todos os anos, ostentando novíssimas roupas espalhafatosas e bebericando drinks servidos em cocos gigantes e abacaxis que nem eram ali das ilhas (não que eles soubessem). Entretanto, quando um morreu e a primeira cicatriz apareceu em meu tornozelo, Rey surtou. Eu tinha nove anos, e foi como se o último resquício de sanidade houvesse desaparecido. Ele entrou de cabeça no "modo sobrevivência". Nada mais de pessoas. Precisávamos viver completamente nas sombras. Então ele vendeu todos os nossos pertences, comprou alguns suprimentos e um pequeno veleiro e partiu em busca do lugar mais deserto e abandonado que encontrasse. Foi o fim dos restaurantes e do ar-condicionado. Nada mais de tevê, video games ou água quente. Apenas uma praia e a cabana. Não sei como Rey achou esta ilha, mas uma coisa é certa: o lugar é muito escondido. Algumas vezes por ano pessoas apareciam aqui por engano, mas Rey sempre se livrava delas bem depressa.

E aqui estou eu agora. Lavando-me no mar. A água se turva ao redor do corpo enquanto lavo o estrume de porco na água límpida da costa. É isso que o futuro reserva para o grande Número Cinco, uma das sete pessoas mais importantes que restaram no planeta.

Não é justo.

Eu me lembro de assistir aos velhos filmes de kung fu na tevê a cabo, logo antes de irmos para cá. Os protagonistas sempre iam para o topo de alguma montanha treinar com mestres anciões que os ensinavam a jogar estrelas ninjas, matar pessoas com hashis e coisas do tipo. Quando Um morreu e viemos para a ilha, Rey disse que não seria mais o avô que fingia ser, e sim meu professor. Eu seria seu discípulo. Na hora, fiquei animado. Pensei que faríamos como nos filmes. E, no começo, *fiz* o treinamento. Rey ainda podia andar e se movimentar com facilidade, então praticamos golpes de arte marcial mais básicos. Mas logo ele passou a dormir a maior parte do dia, com a certeza de que eu continuaria fazendo tudo o que ele mandava. A vida na ilha acabou não sendo nada como naqueles filmes. Neles, bastava uma sequência de cinco minutos para o aluno se tornar mestre. Na ilha, o treinamento não tinha fim, era intenso e, acima de tudo, monótono.

Eu sonhava que era levado embora. Que os Gardes apareceriam um dia e me diriam que estavam procurando por mim e que me levariam para a sede do clubinho espacial, ou algo assim. Mas, até onde sei, os outros Gardes não dão a mínima para mim.

— *Cinco!* — Rey grita da praia.

Aqui, onde não há mais ninguém, não faz sentido fingirmos ser quem não somos.

— Que foi? — grito em resposta, ainda irritado pelo que aconteceu hoje de manhã.

— Aqui — ele responde.

Olho de relance e percebo que ele está apontando para a cabana. Em vez de obedecer, me jogo de costas e fico boiando na água quente enquanto o sol sobe cada vez mais no horizonte.

— Cinco, venha...

Mas o grito é interrompido por um acesso de tosse. Por alguma razão, isso me deixa ainda mais irritado. Sou um dos nove Gardes, a

última esperança de Lorien, e escolheram logo *e/e* para me proteger? Com tanta magia e poderes disponíveis, *e/e* era o melhor que podiam fornecer para me manter em segurança? Um encantamento numérico e um Cêpan doente para cuidar de mim. Muito obrigado, hein!

Um pensamento terrível surge em minha mente e, mesmo que eu tente ignorá-lo, continua lá, me provocando, me fazendo odiar a mim mesmo não apenas porque a ideia me ocorreu, mas também por pensar que talvez eu esteja certo: o Rey que deveria me proteger morreu há muito tempo. Antes mesmo de ficar doente. Quando ainda estávamos no Canadá, com o ar frio e a comida quente. Quando eu era apenas uma criança.

Odeio este sentimento, a mágoa que vez ou outra borbulha na superfície quando estou chateado com Rey. A doença não é culpa dele. Sei disso. Mas Rey é a única pessoa com quem posso me irritar.

O acesso de tosse continua. Eu cedo e sigo para a praia, meus pés afundando na areia. Agito o cabelo castanho para tirar o excesso de água. Já faz um bom tempo que não vê um corte, e está comprido e embaraçado perto da nuca. Pego um coco que caiu do pé quando passei. Podemos abri-lo e comer a polpa no café da manhã. Se é que vou ter café da manhã. Sem dúvidas Rey vai me esfolar vivo e me mandar passar alguns dias sozinho na floresta, para me ensinar uma lição sobre mentir.

Ele já está com a respiração normal quando o alcanço.

— Você não devia estar aqui — digo. — Devia estar descansando.

Ele me ignora e estende uma machadinha. Atrás dele, posso ouvir a agitação dos porcos. Parecem apavorados.

Este é o resumo de nosso relacionamento: nenhum dos dois faz as coisas que o outro diz que deveríamos fazer.

— Para que isso? — pergunto, hesitante em pegar a machadinha.

Ele provavelmente vai me fazer cortar madeira ou algo do tipo, para compensar o tempo que desperdicei hoje de manhã. Tenho certeza de que Rey *também* gostaria de um pedido de desculpas,

mas vou esperar até passar a raiva com toda aquela história de “dizer ao Cinco que os alienígenas chegaram para matá-lo”.

— Para nos proteger — Rey responde, estendendo a machadinha em minha direção. — Poupei você durante todo este tempo, agora temo que seja tarde demais.

Fecho a cara. Enfio o coco debaixo do braço e pego a arma. Os porcos ainda estão fazendo uma barulheira infernal no chiqueiro.

— O que está acontecendo? — pergunto bem devagar.

De repente, tenho medo de que ele me mande matar um dos porcos. Quer dizer, sou completamente a favor de comê-los, só não quero ter que matá-los eu mesmo.

Rey indica o chiqueiro com a cabeça. Os porcos estão cada vez mais agitados, correndo de um lado para outro, guinchando como loucos. Se pudessem gritar, acho que é o que estariam fazendo.

E então vejo o porquê. Estão tentando nos dizer que há um intruso em sua casa. Que estão em perigo. Do outro lado do chiqueiro, há uma espiral de escamas e músculo. Uma víbora. Uma jararaca. Umas criaturinhas horripilantes que costumam fazer seus ninhos um pouco perto demais dos humanos. Uma vez, na Martinica, vi um garoto de uns treze anos, mais ou menos a idade que tenho agora, ser carregado de maca para o hospital. Estava sofrendo os efeitos da mordida de uma dessas jararacas. Bem, sofrendo talvez não seja a palavra ideal. Ele estava inconsciente, e a metade inferior da perna esquerda, do joelho ao pé, havia se tornado uma massa preta e verde, como se tivesse sido mordido por um zumbi ou algo do tipo. Com essa única lição aprendi a ficar atento a coisas deslizantes quando andasse pela floresta.

Não é a primeira que vejo na ilha. Normalmente Rey dá um fim a todas que se aproximam demais de nós.

— Mate-a — Rey ordena.

Encaro a cobra. A última coisa que quero fazer é chegar perto dela. Não que eu seja covarde. Só não quero acabar perdendo um dos membros. E tem mais: nunca matei nada antes. Nada maior do que uma aranha ou um dos mosquitos gigantes que infestam este lugar.

— Por quê?

— Porque sim — ele explica. — Senão ela vai matar um dos porcos. Ou mesmo um de nós. De qualquer jeito, teremos mais problemas do que o necessário.

— Eu... Eu não consigo. Quer dizer... — Não tenho nenhum outro argumento. Meus dedos soltam a machadinha, que cai na areia. O coco cai ao lado dela, e percebo que estou tremendo. — Mate a cobra você.

Rey murmura alguma coisa.

— Você deveria me manter fora de perigo — argumento, tentando manter um pouco de dignidade. — Quer dizer, é o seu *trabalho*, não é?

— Meu *trabalho* é ajudá-lo a se preparar para o que está por vir — ele retruca, pegando a machadinha do chão com uma agilidade reprovadora. — Se não consegue matar uma simples cobra, o que vai fazer se os mogs encontrarem você, se precisar enfrentar um inimigo de verdade? Um capaz de raciocinar e de entender você, um que foi *treinado* para derrotá-lo? O que vai fazer quando restar *apenas você* e ninguém... — A bronca é interrompida por outro acesso de tosse, e Rey enfia o rosto na manga gasta da camisa de linho azul. Quando finalmente para, cospe sangue no chão.

Sangue.

Ele passa a falar em voz baixa, mais consigo mesmo do que comigo.

— Talvez eu devesse ter passado mais tempo ensinando-o a lutar, em vez de se esconder. Pensei que pudesse mantê-lo fora do alcance deles até ficar mais forte. Mas não cuidei de seu crescimento como deveria. Fui fraco demais. Os outros Gardes... Eles já devem ter desenvolvido os primeiros Legados. Provavelmente já dominam vários tipos de armas e de luta.

— Se esconda bem e nunca terá que lutar — digo, repetindo uma de suas lições favoritas.

Agora estou tentando animá-lo, mas só consigo pensar que Rey está tossindo sangue. Isso não pode ser bom. É o que sempre acontece nos filmes um pouco antes de um personagem morrer.

Ignoro o pensamento e continuo falando:

— Podemos passar a fazer mais treinos de luta. Vou me dedicar, prometo. Vou ficar bom nisso.

Rey não responde, apenas assente brevemente e se vira. Os porcos guincham ainda mais alto. A víbora se ergueu e está prestes a dar o bote, alertando os animais e humanos ao redor, com o corpo balançando de leve no ar, formando um S meio estreito.

— Temo ter falhado como seu Cêpan — Rey confessa.

Ele estende uma das mãos e aperta meu ombro. Então sorri, mas é uma expressão triste, meio distante. Quando foi que ele ficou tão velho?

Rey se vira e lança a machadinha. Ela cruza o ar, girando na horizontal. A lâmina acerta a cobra alguns centímetros abaixo da cabeça e se finca na parede da nossa pequena cabana. Os porcos disparam para o outro lado do chiqueiro enquanto o corpo da jararaca se debate freneticamente, liberando sua última energia.

Rey continua andando, um pouco curvado, arrastando os pés.

Não respondo ao comentário. E acho que Rey não esperava mesmo uma resposta. Em vez disso, relembro o que ele disse antes, que os outros Gardes deviam estar muito mais avançados que eu. Muito mais preparados para o futuro.

Sinto que sou uma decepção.

Mas parte disso é culpa dele, não? Não sou só eu. Não é minha culpa.

O último lugar que quero estar agora é dentro da cabana com ele — ou qualquer lugar perto da cobra morta em nosso quintal —, então pego o coco e um velho guarda-sol apoiado na parede e sigo para uma parte mais distante da praia, onde as árvores dão lugar à areia e à água cristalina. Sento-me perto do ponto em que as ondas quebram, enfio o guarda-sol gigantesco na areia e o abro. Eu me queimo fácil, mesmo depois de alguns anos nos trópicos. Não fui feito para este tipo de ambiente. *Eu deveria estar em outro lugar.*

Rey parece ter decidido que, enquanto nos mantivermos escondidos, nunca teremos que lutar. O que é bom, já que acho que nenhum de nós dois teria chance contra os mogs.

Mas isso também significa que não podemos ir embora. Estou preso aqui, com Rey. E com os porcos. Em uma floresta cheia de

cobras assassinas, aranhas e só Deus sabe mais o quê.

Cavo pequenos buracos com os calcanhares e afundo os dedos na areia macia da praia, resfriando-os. Olho para as duas cicatrizes no tornozelo. Sei que Rey tem razão. Se os mogs aparecessem, eu estaria perdido. Preciso dele para lutar por mim. Sou um Garde fracassado com um Cêpan frágil. Mais uma vez, não consigo deixar de pensar que Lorien foi muito injusta comigo. Com certeza não era assim que os Anciões queriam que as coisas terminassem.

Encontro no bolso do short uma bola vermelha de borracha que tenho há séculos — daquele tipo que dá para comprar por vinte e cinco centavos em maquininhas de brinquedo de lojas de conveniência. Faço-a rolar pelas costas da mão até os nós dos dedos, e então entre os dedos, várias vezes. Um pequeno truque.

Eu não devia estar aqui. O pensamento domina minha mente outra vez. Olho para o pequeno barco a vela, preso a uma madeira na praia. Seria tão fácil entrar nele, ir para a água e flutuar até a civilização mais próxima. Martinica não fica tão longe, se me lembro bem. Lá tem restaurantes, banhos quentes e parques de diversão. Feiras de rua cheias de jogos e todo tipo de comida que se pode desejar. E não fica tão longe.

Seria tão fácil.

Olho para o coco e vou ficando cada vez mais frustrado com a vida. Minha mão direita se cerra em um punho, tremendo.

Uma descarga de energia me atravessa, algo que nunca senti antes. Os pelos na minha nuca se arrepiam.

O coco explode.

Por um segundo, fico atordoado. Então olho para as minhas mãos. *Eu fiz mesmo isso?*

CAPÍTULO TRÊS

Existe um nome para o meu poder: telecinesia. É o primeiro dos meus Legados, meus dons especiais. Sei disso porque Rey passou anos me contando que este dia chegaria. Eu havia quase parado de acreditar nele, mas aconteceu. Sinto a energia fluindo pelas veias.

Sinto o *poder*. E é bom demais.

Com apenas a explosão de uma fruta, de repente mudei o modo de ver a vida. Vejo um futuro fora desta ilha. Se sou capaz de mover objetos com a mente, posso derrotar inimigos, derrubar exércitos inteiros. As pessoas vão me olhar com respeito. Talvez até com medo. E Rey nunca mais vai me olhar como se eu fosse uma decepção. Ele saberá que não falhou como Cêpan.

Não lhe conto sobre o coco, nem sobre minha habilidade recém-descoberta. Mantenho segredo e pratico no tempo livre. Primeiro vou ficar bom, então mostrarei que sou capaz de arrancar uma árvore do chão e destruir a pequena cabana onde moramos. Ou algo do tipo. Algo grande, para provar a Rey que não precisamos mais ficar na ilha. Que estou pronto para sair daqui e voltar ao mundo real, porque *serei* capaz de enfrentar os mogs, caso apareçam. Estou tão cansado desta umidade e deste sol malditos. Desta ilha. Ele vai ver. E então vai nos levar para algum outro lugar.

Começo com cocos. São leves e fáceis de quebrar, e os despedaço com meus poderes. Deixo os verdes, menores, levitarem sobre minha boca e bebo a água doce. Depois os atiro na direção do mar, eles voam pelo céu e desaparecem antes de cair na água salgada ao longe.

O único problema é que Rey está se esforçando mais para garantir que eu corra *mesmo* todos os quilômetros que devo. Ele começou a aparecer em lugares aleatórios da ilha com um

cronômetro na mão, para ter certeza de que estou correndo, ou pelo menos andando bem depressa. Por sorte, isso parece exigir muita energia dele, já que passa o restante do dia cochilando.

A hora ideal para praticar meus novos superpoderes irados.

Passo dos cocos para pedras e troncos caídos. No lado da ilha oposto à cabana, faço um enorme pedaço de madeira flutuar contra a maré com nada mais que minha força de vontade. No começo é um pouco mais difícil manobrar os objetos maiores e mais pesados, mas estou ficando cada vez melhor. Exercitando meus músculos de telecinesia. E me sinto melhor do que me sentia meses atrás.

No dia em que decido contar a Rey sobre meus poderes, pesadas nuvens negras despontam do mar para a praia. Sei o que isso significa: a estação das chuvas está para começar, e não haverá nada além disso pelos próximos meses. Paro no meio de minha corrida matinal e pratico meus poderes um pouco mais. Encontro um tronco caído no chão e atiro cocos pelo ar, tentando rebatê-los para o mar em uma espécie de beisebol gigante. Não sei quanto tempo fico ali, tentando, até acertar um dos cocos com o tronco. Não é o *home run* que imaginei — tanto o coco quanto o tronco se despedaçam, e chovem pedaços de madeira e água de coco em mim —, mas a destruição me deixa incrivelmente satisfeito.

Só então reparo que o sol está mais alto do que eu esperava, e me pergunto quanto tempo fiquei aqui. Meu rosto está queimado, já posso senti-lo arder enquanto volto para a cabana. Meu estômago está roncando. Espero que Rey já tenha preparado o almoço.

A primeira coisa que vejo é o cabelo branco dele. Praticamente brilha à luz do sol. Ele está deitado de cara na areia, logo depois da próxima curva da praia.

Meu coração para.

Grito o nome dele enquanto corro, várias vezes, até minha garganta doer. *Não*, penso durante a corrida. E *droga*. Essas duas palavras se repetem na minha mente enquanto me aproximo, tentando entender como ele chegou ali e descobrir se está se movendo pelo menos um pouco.

Quase caio nele, na areia, levantando uma nuvem ao nosso redor. Viro seu corpo. Um dos lados de seu rosto está sujo de areia e

pedrinhas.

— Rey! Rey, acorde. Rey, você está me ouvindo?

O peito dele sobe e desce, mas o movimento é quase imperceptível. Paro de falar por tempo suficiente para ouvir sua respiração, difícil e superficial. Eu me pergunto quanto tempo ele passou caído ali — por que está tão longe da cabana, para começar —, mas a resposta é óbvia. Ele estava tentando ter certeza de que eu estava treinando. Ou buscando descobrir o motivo da minha demora. Procurando por mim.

É minha culpa ele estar assim.

Ele é pesado demais para carregar com a força dos músculos, mas consigo levantá-lo com meu Legado. Corro a seu lado enquanto seu corpo flutua, sustentado pela minha telecinesia.

Ele ficaria tão orgulhoso se visse tudo que estou fazendo. Se ele acordasse.

Passei os últimos dias praticando meus poderes e pensando em como seria capaz de sobreviver a qualquer coisa, agora que meu primeiro Legado emergiu, mas, se Rey morrer, não sei o que farei. Sempre que pensei em abandoná-lo ou em fugir da ilha sozinho, eu sabia, lá no fundo, que não poderia fazer aquilo. Mesmo doente e frágil, ele é tudo o que tenho no mundo, neste planeta que nem mesmo é meu lar, tecnicamente.

Quando chegamos à cabana, estou desesperado. Não há muito lá dentro: dormimos em esteiras cercadas de telas de mosquito, mas a dele é mais elevada, como uma cama. Eu o deito, então começo a andar de um lado para o outro, tentando pensar em um modo de ajudá-lo. Há alguns barris de água. Encho um copo e levo até ele, mas Rey não está acordado para beber, é claro. Derramo um pouco em seu rosto, mas tenho medo de que caia no nariz e chegue aos pulmões, por isso não jogo o copo inteiro. Rey não se move. Então puxo uma cadeira e espero. Fico olhando para ele. Torcendo para que abra os olhos e brigue comigo por demorar tanto na corrida. Em seguida vamos preparar o almoço e vou mostrar que sou capaz de levantar troncos de árvores e fazer malabarismos com cocos usando só o pensamento. E ele vai ficar feliz.

Uma eternidade se passa até Rey falar meu nome. Sua voz está rouca, tão suave que, se eu não estivesse sentado em uma cadeira a seu lado com os olhos colados em seu rosto, talvez eu não tivesse ouvido.

— Cinco — Rey diz outra vez, então tosse em um dos cobertores.

— Aguenta aí — respondo, levantando-me.

Encontro a lanterna e a acendo, então mais uma vez encho o copo de água e levo até ele. Ele o dispensa com um gesto.

— Estava procurando você — diz, a voz fraca, e ele não parece muito lúcido, como se estivesse falando com alguém bem distante.

— Eu sei.

— Quero que você ouça o que vou dizer — ele continua, e eu nego com a cabeça.

Ele só precisa de um pouco de água e descanso. Posso escutar a bronca dele mais tarde.

— Tenho todo o tempo do mundo para ouvir, quando você estiver melhor. Não há nada para fazer aqui, a não ser ouvir o que você tem a me dizer.

Ele olha para mim, mas também através de mim, como se focalizar o olhar em meu rosto fosse difícil.

— Os Gardes ainda estão escondidos — diz, baixinho, ignorando o que eu falei. — Se você começar a procurar por eles, vai se expor aos mogs. É mais seguro ficar aqui. Sozinho. Até estar mais forte.

— Rey, está tudo bem. Vai ficar tudo bem. Veja, preciso lhe mostrar o que posso fazer agora.

Ele balança a cabeça uma vez, em negação. Mesmo fraco do jeito que está, isso me faz parar e escutá-lo. Sua expressão é muito solene; o que posso fazer além de ouvir o que tem a dizer?

— Meu trabalho era protegê-lo — continua. — Sei que não ensinei a você tudo que deveria, mas... eu tentei. Tentei fazer meu melhor, mas meu corpo não aceitou este mundo.

— Não — sussurro.

Finalmente me dou conta de que esta, talvez, seja a nossa despedida.

É estranho demais pensar que um dia posso acordar de manhã e Rey não estará lá. Não apenas no barco ou do outro lado da ilha,

mas em lugar nenhum. Para sempre. Eu provavelmente poderia contar nos dedos das mãos as vezes que não sabia o lugar exato onde ele estava. Sua ausência é inconcebível. Não faz sentido. De repente, penso em todas as vezes que desejei outro Cêpan ou quis fugir da ilha, e me odeio.

Começo a chorar, e as lágrimas caem no chão.

Rey fica ofegante, e eu me levanto, derrubando minha cadeira, sentindo-me impotente enquanto olho para ele.

— Só me diga o que preciso fazer para ajudá-lo.

A respiração ofegante vira um acesso de tosse que parece não acabar nunca. Sangue escorre de seus lábios.

— O que eu faço? — repito. — O que eu faço?

Finalmente, ele fala. Desta vez, a voz sai em um sussurro tão baixo que preciso me ajoelhar a seu lado para ouvir:

— Fique vivo.

Seu olhar parece mais lúcido agora. Ele estende a mão e agarra meu antebraço.

— Cinco, não siga os lorienos nesta guerra até que você esteja pronto. Confie em seus instintos. — Ele inspira fundo outra vez, sua respiração irregular. — Quando chegar a hora, confie em si mesmo. Você é o futuro. Faça o que for preciso para sobreviver.

Sua respiração volta a ficar ruidosa, então para.

E então não há mais nada. Seu peito não sobe outra vez. Seus olhos não abrem. Tudo está quieto e parado.

O silêncio é a pior coisa que já ouvi.

— Rey? — pergunto baixinho. Ele não responde, e eu pergunto mais alto, torcendo para que ele apenas não tivesse ouvido.

Nada.

Ele se foi.

Meu cérebro fica sobrecarregado. Só consigo pensar nas vezes que lhe desobedeci ou o amaldiçoei, mesmo que só na minha cabeça. Estou profundamente arrependido.

Estou sozinho.

Saio correndo. É só o que consigo fazer. Mal noto a água que cai em mim, marcando o começo da estação das chuvas. Meu corpo treme, embora a água esteja quente. Esta ilha minúscula de repente

parece enorme e cheia de perigos. Pensamentos aleatórios cruzam minha mente quando caio de joelhos: *Você vai ter que fazer alguma coisa com o corpo dele. Ele nunca chegou a saber como a telecinesia estava poderosa. Todas as tarefas dele nesta ilha agora são suas.* Um trovão distante ecoa e os porcos guincham.

É demais.

Sozinho, exceto por uns porcos.

Levo um tempo para recuperar o fôlego ali, ajoelhado, curvado na areia molhada. Meus olhos pousam na cicatriz avermelhada no tornozelo. O símbolo de Dois.

Quase rio.

Havia nove de nós, e agora sete, e somos nós que supostamente deveríamos derrotar os mogadorianos. Um exército de alienígenas. E fomos enviados para a Terra com guardiões frágeis e nos espalharam pelo planeta. Na esperança de quê? De que pelo menos um de nós sobrevivesse?

A chuva desaba sobre mim. Sinto a cabeça prestes a explodir, como se algo fosse arreventá-la e sair de mim. Dou um grito que vem de algum lugar bem no meu íntimo. As duas palmeiras mais próximas quebram ao meio com o poder do meu Legado.

CAPÍTULO QUATRO

Enterro Rey na floresta.

Queria deixá-lo no mar, colocá-lo em um veleiro, à deriva. Eu me lembro de ter visto isso em algum filme sobre vikings, e Rey me ensinou o básico sobre velejar. Só que fiquei com medo de a correnteza trazê-lo de volta para a praia. De acordar uma manhã e encontrar o corpo na areia, os olhos comidos pelos pássaros marinhos e todo enrugado, como carne-seca. Não suportaria ver isso.

Enterrá-lo parecia ser a única opção. Não podia deixá-lo à mercê das intempéries, deixá-lo para ser comido pelos lagartos-verdes. Então encontrei uma clareira grande o suficiente, depois de tirar alguns arbustos, e peguei a pá. Cavar a cova foi a coisa mais exaustiva que fiz em muito tempo. Sob circunstâncias diferentes, eu brincaria dizendo que aquilo era uma vitória de Rey, enfim me fazendo trabalhar pesado. Mas sinto demais a falta dele para fazer isso.

A chuva não dá trégua. Para cada pá de lama que tiro, o dobro escorre de volta em uma cascata marrom. Antes mesmo de perceber o que fazia, comecei a tirar a terra com meus novos poderes, meu corpo e rosto cobertos de lama. Uso a telecinesia para escavar o que falta do buraco e manter a lama longe.

E, depois de colocá-lo no fundo, deixo toda a lama, a areia, a terra e a água caírem nele. Elas cobrem o corpo quase no mesmo instante.

Ele se foi.



Sigo morando sozinho em minha ilha durante a estação das chuvas. Rey me ensinou bem como viver da terra, mesmo que eu não tenha me dado conta do que ele fazia, na época. Sei quais plantas são comestíveis e como manter o interior da cabana seco enquanto o céu continua a desabar em mim, dia após dia. Continuo correndo e treinando, com mais empenho do que quando Rey estava vivo.

Não consigo parar de pensar que alguém vai aparecer. Se as mortes dos Gardes ficam marcadas em minha perna, será que o mesmo acontece aos Cêpans? Será que a marca de Rey surgirá no guardião lórico que cuida de Três? Ou de Quatro? Será que um deles virá ao meu encontro e me dirá o que devo fazer em seguida?

Mas ninguém aparece.

Depois de semanas, talvez até meses, esperando algo acontecer, sei o que preciso fazer. Rey me disse para permanecer na ilha até que eu ficasse mais forte, mas não sabia dos meus poderes. *Estou* mais forte agora. Além disso, ele também me disse para sobreviver, e, se vou fazer isso, vou ter que sair daqui. Se ficar, vou enlouquecer.

Tecnicamente, posso fazer o que quiser. Estou livre. Não há ninguém cuidando de mim. Estou só.

Posso ir aonde quiser.

Martinica. A última ilha em que estivemos, e a vida lá não era ruim. E fica perto. Ou, pelo menos, *parecia* perto quando viemos de barco.

No dia em que a chuva finalmente começa a diminuir, tomo uma atitude.

Esvazio a bolsa de Rey e a encho com comida. Guardo-a no veleiro, junto com todos os cocos que sou capaz de juntar e vários cantis de água. Quando chegar à grande ilha... bem, terei tempo suficiente no mar para pensar no que farei em seguida. Talvez tente encontrar os Gardes. Talvez apenas dê um jeito de voltar para o Canadá e para aquela casa da qual eu gostava tanto quando era pequeno.

Jogo minha mochila no barco, junto com a Arca Lórica. Pego o enorme chapéu de palha de Rey para me proteger do sol. O barco

não tem parte interna, então ficarei exposto durante todo o tempo que estiver no mar.

A última coisa que faço é derrubar a cerca do chiqueiro. Faço isso com apenas um golpe de telecinesia.

Os porcos ficarão bem, digo a mim mesmo quando eles, relutantes, passam por cima dos pedaços de madeira e seguem para a praia. *Vão passar a gostar de todos esses lagartos correndo por aí.*

Faço algumas tentativas até içar as duas velas da pequena embarcação, e mais algumas outras antes de ler o mapa marítimo que encontro a bordo. Não há nada marcando o ponto onde acho que fica a nossa pequena ilha, mas tenho certeza de que Rey sempre dizia que estávamos a leste da Martinica. Na gaveta também há uma bússola e um telescópio, tudo de que um marinheiro amador poderia precisar.

Quero partir imediatamente, mas preciso esperar a maré cheia. Isso quer dizer que tenho que sentar e repensar minha decisão até o anoitecer. Por fim, o mar começa a tocar o barco, e uso meus poderes para levar a embarcação para a água. Então começo a ajustar as velas na direção que preciso ir. Quando consigo definir o curso, já está quase escuro, e a lua e as estrelas estão escondidas atrás de nuvens ralas. Quase não consigo ver a ilha quando me viro para dar uma última olhada. Aceno, mesmo sabendo que não há ninguém lá para ver.

— Adeus, Rey.

Eu e o barco avançamos em direção à noite escura.



Acordo confuso, sem saber direito onde estou.

Minha ideia era ficar acordado a noite inteira, já que, pelos meus cálculos, eu não deveria demorar tanto para chegar à Martinica. Entretanto, depois de ajustar as velas e usar tanto os meus poderes, devo ter desmaiado de sono recostado no deque de madeira.

O sol matinal brilha acima de mim. Logo começará a fritar minha pele sem piedade. O barco balança. Eu me ponho de joelhos

depressa, esperando ver terra...

Mas não há nada. Apenas um mundo de água. Tudo azul, até onde a vista alcança.

Tento permanecer calmo, mas o pânico faz meu coração bater mais forte.

Logo o mapa encontra-se a minha frente, aberto no deque. Estou navegando para o leste, na direção do sol nascente, o que quer dizer que continuo na direção certa. Só não alcancei a Martinica ainda; não devo estar navegando tão depressa quanto pensei que estaria.

Ou passei direto pela ilha durante a noite. E também percebo que é possível que eu estivesse errado o tempo todo, que a nossa ilha não estivesse onde pensei. Poderia estar em qualquer lugar. Pode não haver nada entre mim e a África.

África.

Entro em pânico. Cruzes ir parar na África.

Não acredito que Rey não tivesse algum tipo de GPS.

Ou talvez tivesse, mas eu não sabia. E talvez ainda esteja em casa, na cabana da praia. Um lugar que parece muito mais atraente do que parecia ontem à noite.

Encaro o mapa por um longo tempo enquanto mordisco um pouco da carne-seca que trouxe. Depois, pego a bússola e ajusto o curso para nor-noroeste. Se seguir nesta direção, pelo menos devo ir parar em alguma ilha.

Não?

Depois de procurar, em vão, um pedaço de terra com o telescópio, eu me recosto outra vez no deque e pego a bola de borracha vermelha no bolso do short. Passando-a depressa entre os nós dos dedos, encontro um baralho na mochila.

Tudo vai ficar bem, digo a mim mesmo enquanto embaralho as cartas e começo a distribuí-las. Apenas se mantenha ocupado, ou vai ficar maluco antes mesmo de encontrar terra.



O que é este monte de tralha inútil?

Passo quatro dias no barco até descobrir que consigo abrir a Arca Lórica. Rey sempre disse que era algo que tínhamos que fazer juntos, e eu sequer tinha pensado em tentar, agora que ele se foi.

Um monte de objetos brilhantes e aparentemente inúteis reluz à luz do sol. Minha esperança era encontrar um aparelho para filtrar água à minha espera, em um passe de mágica, mas parece que estou sem sorte. O que é preocupante, uma vez que já acabei com os cocos e meu suprimento de comida está em um nível preocupante de escassez. A arca parece cheia de coisas tiradas de uma loja de bugigangas. Passo os dedos por um instrumento semelhante a uma flauta. Mexo em alguns outros e puxo uma longa luva. Visto-a, cobrindo todo o antebraço. Quando mexo o pulso, uma lâmina se projeta. Por um triz ela não acerta meu olho, uma lâmina prateada com trinta centímetros de comprimento.

Estou cansado demais até para me assustar.

Ótimo. Pelo menos tenho isto, não preciso morrer de desidratação.

Estremeço com o pensamento.

É tudo inútil. Ou, pelo menos, nenhum dos objetos vem acompanhado de um manual de instruções. Guardo tudo de volta, menos a luva-faca. Posso praticar com ela. Só por precaução.

Guardo a arca de volta na bolsa e bebo o restinho de água de um dos cantis. Então uso meus poderes telecinéticos para fazer o barco avançar mais rápido, torcendo com todas as minhas forças para estar indo na direção certa.

Aposto que os outros Gardes têm coisas melhores nas arcas deles. Ou que os outros Cêpans estão lá para explicar o que eles devem fazer com aquilo tudo.

Já me perguntei centenas de vezes como devem ser os outros Gardes. O que devem estar fazendo. Se os Cêpans deles também os mantêm escondidos nos cantos mais remotos do planeta. Pela primeira vez, porém, eu me pergunto se sou o único que ficou de fora. Será que os outros Gardes estão todos juntos em algum lugar, lutando e treinando uns com os outros, perguntando-se onde estou? Será que eles ao menos *se importam*?

Será que Rey me manteve escondido porque estava com medo de eles me obrigarem a lutar? Para ter certeza de que eu continuaria vivo?

Tenho apenas perguntas, e minha única resposta é o sol ardendo acima de mim.



Minha língua parece áspera e inchada. Não urino há bastante tempo, o que acho que é um péssimo sinal. Parei até de suar. É noite, mas ainda assim eu deveria estar suando.

Parece que não deu muito certo me aventurar pelo mundo sozinho.

Minha sétima noite no mar é aquela em que vou morrer. Até mais, Cinco. Bastou uma única semana para você ferrar com tudo, contrariando o último desejo de Rey.

Será que é possível eu morrer? Rey disse que um encantamento especial me livraria da morte enquanto o Garde anterior estiver vivo — que o verdadeiro perigo era ser *capturado* —, mas será que ele também evita que eu morra de fome, desidratação e insolação? Porque não quero daqui a um mês parar numa praia de Cuba como um morto-vivo, uma múmia ressecada.

Meus lábios estão rachados e descascando, mas não tenho saliva na língua para umedecê-los.

Mal consigo me mover — me sinto tão cansado —, mas, ainda assim, puxo a sacola de lona para mais perto, abraçando-a, prendendo os braços nas alças. Posso sentir a Arca Lórica lá dentro. Meu corpo inteiro dói, e mal mantenho os olhos abertos.

Sinto uma coceira esquisita no peito e me pergunto se é algum tipo de indicação da morte chegando, se foi o mesmo que Rey sentiu antes de morrer. Ela aumenta, e todo o meu corpo se sente vivo, em chamas.

Então morrer é assim. Mas que grande encantamento.

Fecho os olhos e abraço a sacola com mais força. Me pergunto se meu símbolo aparecerá na perna dos outros Gardes, mesmo que eu

morra na ordem errada.

Estou morrendo na ordem errada. Recuso-me a deixar que esse seja meu último pensamento.

Abro bem os olhos e prendo a respiração, surpreso.

Não estou no barco. O barco ainda está no mesmo lugar, mas vários metros abaixo. Estou flutuando, subindo para o céu noturno sem nuvens, ainda abraçado à bolsa. Eu me pergunto se todos os Gardes são enviados de volta ao espaço quando morrem. Talvez seja parte do plano idiota que me forçou a morar no meio do nada. Com meu Cêpan doente.

Meus lábios rachados se curvam em reprovação quando falo minhas últimas palavras.

— Lorien que se dane.

E sigo para a frente, o vento batendo no rosto. Voando.

CAPÍTULO CINCO

Não sei como estou fazendo isto — ou de onde estou tirando energia —, mas plano pelo ar. A sensação é diferente da telecinesia, como se viesse de outro lugar dentro de mim. Fico em algum tipo de transe enquanto atravesso nuvens, focado apenas em algum lugar para cair que não seja água. Não parece se passar muito tempo até eu encontrar terra. Eu me imagino lá, e, como mágica, começo a descer, até que aterrisso com força em uma praia, deixando um rastro na areia.

Estou exausto demais para reagir de maneira mais apropriada ao fato de que acabei de sair *voando*. Tudo que posso fazer é me perguntar onde estou e torcer para que ninguém tenha me visto.

Não tenho tanta sorte.

Uma mulher que estava correndo chega ao meu lado antes que eu consiga sair da pequena vala que meu corpo abriu na areia.

— Meu deus do céu, o que aconteceu...

Devo estar com uma aparência terrível, pois, quando ela enfim me vê direito, para no meio da frase.

— Água — balbucio. Minha garganta parece cheia de poeira.

Ela tira uma garrafa da cinta abdominal e a entrega para mim. Derramo o líquido na boca, quase sem apreciar o frescor. Meus olhos estão fisgando, secos, mas a água continua vindo, então continuo a beber.

— Calma, calma — diz a mulher. — Tem muito mais.

Olho ao redor, com cautela. Estou em uma praia, mas nenhuma que eu reconheça. É um pouco antes do amanhecer e quase não há luz. Minha cabeça está confusa.

— Onde estou? — Aqui não parece ser nenhum lugar da Martinica que eu consiga lembrar.

— Lummus Park — a mulher responde.

Agora ela aparenta estar menos preocupada comigo, e mais confusa. Fica olhando para o mar, na direção de onde eu vim.

— Não, que ilha é esta?

Ela franze a testa.

— Estamos em South Beach. Miami.

Miami?

— Onde você mora? — ela pergunta. — Sofreu um acidente? Quer que eu chame ajuda? Como você... Quer dizer, parecia que você estava *voando*.

Eu balanço a cabeça depressa, em negação.

— Nenhum acidente — digo, entre goles. — Nada de chamar ajuda. Não chame ninguém.

Algumas pessoas se juntam ao nosso redor. Começam a perguntar se está tudo bem. Depois de acabar com a água, tento me levantar, mas minhas pernas estão bambas.

— Não, não, não. — A mulher me impede. — Fique aí parado. Você precisa de mais água.

Ela olha para as pessoas a nosso redor, e alguém oferece uma garrafa cheia de um líquido verde.

— Ótimo — ela diz, me entregando a garrafa. — Beba isto. Vai fazer bem e ajudar a repor os eletrólitos.

Hesito apenas por um segundo antes de engolir o líquido doce. Meu coração começa a bater forte, como se tivesse parado durante os últimos segundos.

Um pensamento me ocorre enquanto olho ao redor. Ainda estou usando a luva com a lâmina oculta, mas não vejo mais nada na praia.

— Minha bolsa... — digo, começando a ficar nervoso. A arca podia até não ter nada útil, mas Rey falava dela como se fosse a última esperança de Lorien, além de mim e dos outros Gardes. Não posso perdê-la de jeito nenhum.

É a única coisa que me resta.

Alguns metros adiante, vejo um cara pegando a bolsa de lona. Ele a abre e começa a puxar a Arca Lórica.

— Ei! — grito o mais alto que consigo.

Antes mesmo de pensar no que estou fazendo, estendo a mão e sinto uma fagulha de energia telecinética. A bolsa e a arca voam das mãos do homem até as minhas. Ele fica estupefato, mas todos os outros pensam que ele a atirou para mim. Eu a abraço com força.

Alguém tira uma foto minha com o celular.

— Ei! — A mulher ao meu lado se levanta, parecendo irritada. — O que está fazendo, cara? Esse menino claramente passou por maus bocados, e você quer tirar fotos dele?

— Só achei que precisamos de fotos para divulgação, caso saia uma reportagem — o fotógrafo responde. — Se for algo grande, precisa ser documentado.

Eles começam a discutir. Eu me levanto e começo a correr.

— Ei! — alguém grita atrás de mim, provavelmente a mulher, mas não olho para trás. Apenas abaixo a cabeça e vou direto para os arbustos e árvores mais próximos.

Procuro qualquer lugar para me esconder. Minhas pernas parecem geleia, e a cabeça lateja, mas continuo correndo até parar de ouvir os gritos.

Faz tanto tempo que não tenho contato com a civilização que quase esqueci como me comportar. Ainda agarrado à bolsa, faço tudo errado. Quase derrubo algumas pessoas enquanto corro olhando para trás. Ouço algumas reclamações quando passo por elas.

— Tome cuidado, seu...

— Seu moleque, eu devia...

— O que você acha que está...

Mas ignoro tudo. Apenas corro, desesperado para sair de perto daquelas pessoas e do restante do mundo.

Chego a outro parque, com gramados viçosos e palmeiras, além de algumas fileiras de grandes arbustos. É para lá que vou. O sol está subindo, e a praia, a cerca de cem metros, já começa a se encher de gente, mas me enfio nos arbustos até estar o mais fora de vista possível. Meu corpo dói. Meus lábios rachados ardem. Mas pelo menos tomei um pouco de água.

A voz de Rey ecoa em minha mente, como algum tipo de fantasma zombeteiro. Sei exatamente o que ele diria.

É o que você queria, não é mesmo? Você está fora daquela ilha minúscula. Conseguiu o que queria. Bem-vindo de volta ao mundo real.

Solto um gemido. É tudo que tenho forças para fazer. Então fecho meus olhos e mergulho na escuridão.



Quando acordo, o sol já começou a se pôr. Dormi o dia inteiro, mas foi melhor assim. Ainda me sinto fraco ao me levantar, mas não parece mais que estou prestes a desabar no chão.

O que sinto mesmo é fome. Tanta fome que meu estômago dói só de pensar em comida.

Preciso encontrar algo para comer.

Rapidamente faço uma lista mental de tudo o que tenho: uma camisa de linho suja, shorts cargo, sandálias prestes a se desmanchar e uma bolsa de lona contendo uma arca alienígena. Não é muito útil, mas também tenho os poderes de telecinesia.

E a capacidade de voar.

Eu me pergunto por um momento se a habilidade de voar tem algo a ver com a telecinesia ou se é um poder completamente diferente. Estou ansioso para tentar outra vez, mas meu estômago reclama e sei que não vou fazer nada enquanto não comer. Encontro um bebedouro no parque e bebo até achar que vou explodir, mas não ajuda muito a aplacar a fome.

Um pouco mais adiante há prédios e luzes, e sigo nessa direção. Se há luzes ali, deve haver pessoas. E, se há pessoas, deve haver comida.

Não demora muito para um cheiro doce invadir meu nariz. Parece o da comida que eu comia nos parques de diversões no Caribe antes de sumir do mapa. Sigo o cheiro por algumas ruas enquanto os prédios ficam cada vez maiores, as luzes, mais brilhantes, e me mantenho nas sombras o máximo que posso. Algumas pessoas passam por mim, mas não prestam atenção. Na verdade, parece que estão evitando me olhar de propósito, provavelmente porque pareço

um mendigo. E a última coisa que querem é arruinar a noite conversando com uma criança abandonada.

Ótimo.

Então descubro a origem do cheiro: vem de uma feirinha, um parque de diversões, ou sei lá como chamam aqui em Miami. A rua está fechada e bastante movimentada, mas o mais importante é que está cheia de carrinhos de comida e barraquinhas que vendem o que parecem ser crepes, burritos e tacos.

É como se todo o sangue em meu corpo estivesse subindo para a cabeça. Pessoas. Por todos os lados. Depois de tanto tempo na pequena ilha remota, a multidão parece intimidadora.

Acalme-se, digo a mim mesmo. Um passo de cada vez.

Eu me sento nos degraus que levam a outro pequeno parque — parece que esta cidade ama parques — e começo a considerar minhas opções. Eu poderia usar meus poderes para fazer um taco flutuar até mim, mas as barracas são pequenas e a comida é vigiada. Além disso, Rey sempre cuidou da comida, então não sei identificar metade das coisas que vejo.

Percebo como estou terrivelmente despreparado para voltar ao mundo real. Deveria ter me planejado melhor. Pensei que apareceria em Martinica com um barco, algo que poderia *trocar*. Não tenho dinheiro, nem mesmo um centavo. Apenas a arca.

E meus Legados.

Meu estômago reclama outra vez de fome, e percebo o que terei que fazer: roubar. Vou usar a telecinesia para tirar dinheiro de alguém aqui. No fundo da minha mente, soa um alarme — isso é um abuso do seu Legado! —, mas eu o ignoro. Estou *morrendo de fome*. Posso me preocupar em pagar às pessoas depois.

Observo a multidão. Há um grupo de pessoas ali perto. Estão todas bem-arrumadas, com ternos, vestidos e sapatos brilhantes. Alguns dólares não vão lhes fazer falta, definitivamente. Preciso de várias tentativas — nas primeiras vezes que puxo alguma carteira, as pessoas levam a mão ao bolso para ter certeza de que ela ainda está ali —, mas por fim uma carteira de couro escapa e eu a jogo nos arbustos mais do que depressa.

Não me movo ainda, faço uma contagem regressiva a partir de cem, esperando para ver se o cara vai ou não reparar que a carteira sumiu.

Como se fosse um sinal, meu estômago solta um ronco absurdo quando chego ao um.

Caminho com naturalidade até os arbustos e pego a carteira do homem. Está cheia de dinheiro. Sorrio, enfio as notas no bolso e sigo em direção às barraquinhas de comida.

Paro na primeira que vejo. Ela serve uma espécie de comida cubana, e acabo pedindo um sanduíche de queijo e carne de porco cheio de gordura, que escorre pela minha mão inteira na primeira mordida. É a melhor coisa que já experimentei. Quando termino, passo para os tacos, e depois sorvete. Meu estômago se enche depressa, mas ignoro e continuo comendo.

Estou na metade do sorvete quando noto alguém me observando.

Um policial.

Eu me afasto com um andar casual, e ele, com um andar bem menos casual, me segue a distância. Dou uma olhada por cima do ombro por tempo suficiente para vê-lo digitando no celular, sem nunca tirar os olhos de mim. É possível que apenas pense que sou uma ameaça devido à minha aparência de mendigo, mas também é possível que, depois de eu ter fugido da praia pela manhã, a pessoa que tirou uma foto minha tenha informado sobre mim à polícia.

Não posso arriscar.

Sigo direto para uma rua lateral. Depois de virar a esquina, começo a correr. A última coisa de que preciso é um policial fazendo perguntas, me reportando ou, pior ainda, tentando me prender. Aí eu precisaria chamar atenção, usar meus poderes e provavelmente anunciar minha presença a metade do exército mogadoriano. Não, é melhor apenas fugir.

No mesmo instante, me arrependo de ter comido tanto.

A comida está assentada em meu estômago como uma pilha de tijolos, e após correr algumas quadras estou prestes a vomitar. Por cima do ombro, posso ver que o policial acompanha meu ritmo.

Quando desvio para um beco, ouço seus passos, algum ponto atrás de mim, correrem para me acompanhar.

Anda, anda, anda, grito para mim mesmo, em pensamento. Estou correndo o mais rápido que posso entre os becos, atravesso uma rua atrás de um enorme prédio e pulo algumas cercas até que...

O beco termina em uma parede, e estou ferrado.

Ou, pelo menos, *estarei* ferrado se não descobrir como usar esse novo poder de voo. Não é como se eu soubesse controlá-lo. Olho para o telhado dez andares acima. Preciso chegar lá. Então contraio todos os meus músculos e me visualizo flutuando. De repente, percebo que não estou apenas flutuando, mas sim *disparando* para cima. Passo do telhado com o coração batendo forte e, por um momento, posso ver muito além no oceano. Então tento me acalmar até flutuar *delicadamente* de volta para o alto do telhado. Faço um pouso um pouco brusco, mas não é tão ruim para minha segunda tentativa consciente de aterrissagem. Certamente foi melhor do que quando pousei caindo de cara na praia.

Sou basicamente um super-herói alienígena.

Espio pela beira do prédio. O policial está parado, com cara de intrigado. Duas pessoas se juntam a ele, embora apenas uma esteja de uniforme. A outra usa terno, pelo que posso ver, mas estão todas longe demais para enxergar detalhes. Depois de olhar ao redor por um tempo, elas vão embora.

Abaixo e me recosto na mureta de tijolos no beiral do telhado. Posso passar a noite aqui. O ar está fresco, e duvido que alguém vá me perturbar.

Tiro o restante de dinheiro do bolso e conto. Não é muito, mas vai durar pelos próximos dias, até eu descobrir o que fazer em seguida. Então fico estranhamente aliviado ao encontrar a bola vermelha de borracha no bolso. Olho para as estrelas enquanto a passo pelos nós dos dedos.

É meio estranho elas serem as mesmas estrelas que eu via da ilha. Quando olho para o céu, é quase como se não tivesse partido. Pela milionésima vez na vida, me pergunto se alguma daquelas estrelas é o sol de Lorien.

Quando estávamos em fuga, viajando pelo Canadá depois que um mog nos encontrou nos arredores de Montreal, sempre nos revezávamos para dormir. Pelo menos na teoria. Na prática, Rey passava a maior parte da noite montando guarda, e a minha vez só durava alguns minutos pela manhã, enquanto ele tomava banho, ia buscar comida ou algo assim. Mesmo na nossa cabana da ilha, acho que às vezes ele passava metade da noite na frente da porta quando tinha um pressentimento de que algo estava para acontecer. Eu sempre ri, considerando aquilo simples paranoia, mas agora, sozinho no telhado de um prédio de uma cidade desconhecida, meu maior desejo é ter alguém para montar guarda por mim.

CAPÍTULO SEIS

Passo a morar em South Beach.

Não tenho um teto ou coisa do tipo, mas me familiarizo com a pequena área o bastante para começar a sentir que a *conheço*, pelo menos. Boates, restaurantes e hotéis estendem-se pela orla, e das calçadas consigo ver o interior desses lugares, espiando mundos que parecem tão distantes das coisas com as quais cresci que são completamente alienígenas para mim. Luzes piscantes, bandas e dançarinas se espalham pelas ruas. Na Martinica, eu via parques de diversões e festivais com dançarinos, mas nunca desse jeito. Rey sempre me obrigava a ficar em casa depois de escurecer, mas agora, sozinho, estou livre para perambular por aí.

Penso em ir para o Canadá, mas ainda estou fraco da viagem. Além disso, preciso de muita prática antes de sequer pensar em ir até lá voando, o que parece ser a melhor alternativa para evitar as patrulhas da fronteira ou a polícia.

No começo, acho difícil voar. Sem uma descarga de adrenalina ou uma experiência de quase-morte, não consigo descobrir de onde os poderes vêm. Mas, em uma semana ou duas, fico melhor. Começo levitando a apenas alguns centímetros do chão, então me elevo o máximo que consigo antes de entrar em pânico e cair de volta. Algumas vezes, quando está bem escuro, eu sobrevooo o oceano, baixo o bastante para não ser visto, disparando por entre as boias náuticas. Estou ficando bom nisso.

À noite, os telhados se transformam em minha cama. Eles me parecem mais seguros do que dormir na praia ou em um beco. Durante o dia, eu me dedico a ficar muito bom em bater carteiras com a telecinesia. Paro de me sentir culpado por estar fazendo isso na segunda ou terceira vez. Estou *sobrevivendo*. Para conseguir

chegar ao Canadá — ou a qualquer outro lugar —, vou precisar de muito dinheiro e suprimentos. E há muitos alvos, andando aos bandos, entrando e saindo das lojas caras espalhadas por toda a ilha. Compro roupas novas — um jeans para cobrir as cicatrizes de Um e Dois —, e mantenho uma ou duas camisetas limpas na mochila. Com uma blusa limpa e um maço de notas no bolso, não sou muito diferente de qualquer outro garoto de Miami que recebe uma mesada generosa dos pais.

Tomo cuidado ao usar meus poderes, pois eles podem me denunciar. Eles e minha arca enorme e pesada, que carrego para todo canto.

No começo, penso muito nos Gardes. Cogito procurar por eles, tentar entrar em contato. Mas por onde eu começaria? Colocando anúncios de “desaparecidos”, ou algo do tipo? Pelo que sei, eles também devem estar em cabanas na África, Indonésia ou Antártida. E se não estiverem, se estiverem todos juntos... bem, nenhum deles *me* procurou.

Então passo a pensar cada vez menos neles. Sempre que descubro algo novo sobre a cidade, parte de mim fica irritada com Rey. Podíamos ter ficado aqui, em vez de presos naquela ilha no meio do nada. Passo os dias andando sem destino, jogando em fliperamas ou lendo livros na praia, todas as coisas que não tive chance de fazer na *nossa* ilha, onde não havia livrarias ou eletricidade. Acho que poderia jogar video games ou ficar vendo filmes para sempre. Devoro as histórias. Gostaria de poder criar as minhas próprias.

Recupero o tempo perdido.

Sei o que Rey diria. Ele me chamaria de preguiçoso e recitaria algumas parábolas sobre cigarras e formigas. Mas me recuso a me sentir culpado por viver a minha vida, para variar, em vez de me encolher de medo.

É quase fácil *demais* viver aqui. Eu fico à vontade.

Fico até um pouco descuidado.

E é assim que ela me encontra.

Normalmente as carteiras que bato vão direto para minha mochila. Deixo para inspecioná-las depois, quando está escuro e não

estou em uma área muito movimentada. Entretanto, hoje a fome apertou e estou com pouco dinheiro, então acabo me encostando em uma palmeira em uma área calma da praia. Estou examinando o que roubei quando ouço a voz dela atrás de mim:

— Você está *pedindo* para ser descoberto, só pode.

Eu tomo um susto e me viro, puxando a bolsa para mais perto enquanto dou uma olhada na dona daquela voz aguda e um pouco rasgada. Ela parece ser alguns anos mais velha do que eu, tem a pele bem bronzeada, e o cabelo liso e brilhante está preso em um rabo de cavalo. Está usando uma maquiagem pesada nos olhos e uma blusa de alcinhas cinza com shorts jeans desfiados.

Eu balbucio as primeiras sílabas de algumas palavras e me levanto depressa. Ela dá uma risadinha.

— Não se preocupe — a garota diz, dando de ombros. — Tenho minhas próprias razões para evitar a polícia.

Ela me encara com os olhos castanho-escuros esperando alguma resposta, mas não sei o que fazer. Evitei o contato com pessoas durante todo o tempo que estive aqui — um velho hábito —, e até agora ninguém se esforçou para conversar comigo. Mas esta garota parece... legal.

— Certo, então você não fala, ou algo do tipo? — ela pergunta — Qual o seu nome?

Abro a boca para responder, então paro. É uma pergunta simples, mas é claro que não consigo dar uma resposta. Pelo menos, não uma que seja verdadeira. Então tento me lembrar de uma identidade que eu gostava de ter.

— Cody — digo, por fim.

O nome que eu usava no Canadá.

— Cody — ela repete. — É um prazer finalmente conhecê-lo. Eu me chamo Emma.

Droga. O que ela quer dizer com “finalmente”? Eu a encaro, analisando seu rosto, procurando por sinais de que ela seja uma mog. Estou pronto para lutar ou voar em fuga a qualquer momento, se for preciso.

— Ah, por favor. Já o vi por aí. É impossível não ver. Estou surpresa de ainda não ter sido pego pela polícia. Você fica com a

maior cara de suspeito quando está espreitando as vítimas. Acho surreal você chegar perto delas o suficiente para bater as carteiras.

Ah. Bem, a boa notícia é que parece que ela não notou que roubo carteiras com a ajuda do meu Legado. A má notícia é que, aparentemente, não sou nem de longe tão discreto quanto pensei.

— Sem ofensa — ela continua, estreitando um pouco os olhos —, mas você não fala muito, não é?

— Acho que não — respondo. Na verdade, nunca pensei muito sobre o assunto. — Eu falava bastante quando era mais novo e éramos apenas eu e... — Não sei como terminar a frase, e percebo que já revelei mais do que deveria.

Por sorte, Emma apenas assente com a cabeça.

— Está trabalhando para alguém? — pergunta.

— Não, sou só eu — respondo. Então percebo que não entendi bem o que ela perguntou. — Espere aí, o que você quis dizer com isso?

Idiota. Não sei por quê, mas estou metendo os pés pelas mãos. Não contei nada importante, nem sequer mencionei meu passado bizarro, mas não tenho motivos para contar *qualquer coisa* para ela.

Ela apenas sorri e indica minha bolsa com a cabeça.

— Eu conto se comprar uma *arepa* para mim.

Se Rey estivesse aqui, já teríamos fugido. Sumido. Eu sequer teria tido a chance de falar com Emma. No entanto, por mais que eu imagine a voz de Rey gritando para que eu dê um jeito de me afastar, me misturar à multidão e fugir para a ilha pouco habitada mais próxima, sei que ele não está aqui *de verdade*.

Além disso, faz tempo que não converso com alguém. Não uma conversa de verdade. Talvez eu aprenda algo útil. E, se alguma coisa der errado e isso for uma emboscada ou algo do tipo, tenho poderes telecinéticos e a habilidade de voar. Sou praticamente inatingível.

— Certo — concordo, forçando um pequeno sorriso. — O que é uma *arepa*?

Ela me leva até um carrinho de comida na praia, onde peço duas *arepas*. O dono do carrinho me cobra seis dólares, e então Emma fala alguma coisa em espanhol e o homem faz cara feia.

— Três dólares — diz ele, entregando os dois discos amarelos que brilham à luz do sol.

Eu pago e vamos embora. Caminhamos, a praia de um lado e a fileira de hotéis luxuosos do outro.

— O que foi aquilo? — pergunto.

Mordo minha *arepa*, e descubro que é uma das coisas mais gostosas que já comi. São dois pãezinhos de milho adocicados, com recheio de queijo branco derretido. Estou no paraíso.

— Eu só impedi aquele cara de tirar vantagem de você — Emma responde. — Ele pensou que você fosse turista.

— E o que você falou para ele?

— Só falei que sabia que ele estava cobrando mais caro. — Ela fez uma pausa. — *Talvez* tenha mencionado o nome do meu irmão. Ele é meio importante por aqui.

— Como assim?

— Bem, vamos dizer que, se você *estivesse* batendo carteiras para alguém, provavelmente seria para ele.

— O quê, ele é tipo um... gângster?

Percebo quão idiota pareço no momento em que as palavras saem de minha boca, mas mesmo assim penso no filme sobre a máfia que vi anteontem, quando passei metade do dia no cinema. Mordo a lua minguante amarela em minhas mãos, e fios de queijo se estendem até minha boca.

— Algo do tipo — Emma diz, e olha para mim com um sorriso.

Eu me sinto idiota, como uma criança tola.

— Você trabalha para ele? — Não consigo imaginá-la como uma daquelas *femmes fatales* dos filmes. Além de ser bastante jovem, é bastante simpática também. — É agora que sou empurrado para dentro de um carro preto e sequestrado, ou algo do tipo em troca de um resgate?

— Acho que eu escolheria alguém que não fosse um batedor de carteiras, se quisesse pedir resgate — ela responde abrindo um sorriso malicioso. — Não trabalho para o meu irmão. Sou bem diferente dele. Nem falo com ele, na verdade. Além disso, a última coisa que quero é alguém me dizendo o que eu posso ou não fazer. *Muito menos* se esse alguém for um idiota que nem o meu irmão.

Eu sorrio, de verdade. De algum modo, eu meio que entendo o que ela quer dizer.

— Além disso — ela continua —, ele acha que sou nova demais e não quer que eu me envolva nos negócios dele. — Ela deixa escapar um suspiro entre as mordidas na *arepa*. Está com a boca um pouco cheia quando volta a falar: — Mas então, de onde você é?

— Por que você está falando comigo? — indago, ignorando sua pergunta. Ela parece um pouco confusa. — Quer dizer, por que você foi falar comigo na praia?

— Eu queria uma *arepa*.

— Sei.

— Está bem... Eu o vi por aí e sabia o que andava fazendo. Achei que você precisava de umas dicas. Pensei que talvez pudesse ser meu novo parceiro de trabalho. Estou cansada de fazer tudo sozinha.

— Trabalho? — pergunto. — Do que você está falando?

Ela para no meio da calçada, dá um sorrisinho e puxa uma carteira de couro do bolso. A primeira carteira que roubei, que ainda uso para guardar meu dinheiro. Levo minha mão ao bolso, só para confirmar o que já sei. De algum jeito, ela bateu minha carteira. Não senti nada.

— Nem todo mundo é um alvo tão fácil quanto você — ela diz com um brilho mordaz nos olhos. — Uma ajudinha cairia bem, se estiver interessado.

— Você quer que eu roube carteiras para você?

— *Comigo*.

Eu hesito. Ficar por aí conversando com Emma é uma coisa, mas quase consigo ouvir Rey gritando para eu não me aproximar muito ou fazer amigos além dele. Mas ela obviamente não é uma mog.

— Vamos lá — ela insiste ao sentir minha relutância. — Olhe, não sei de onde você é, mas, se estava disposto a pagar seis dólares por comida de barraquinha, mesmo que estivesse uma delícia, é óbvio que não está tão familiarizado com este lugar quanto deveria. Vamos nos encontrar outro dia e arranjar alguma confusão. Estou tão entediada neste verão. Por *isso* fui procurar você.

Suas últimas palavras chamaram minha atenção. Ela me procurou, veio e me encontrou na praia. O mínimo que posso fazer é considerar a possibilidade de passar um tempinho a mais com ela.

— Está bem — respondo.

O rosto dela se ilumina um pouco.

— Ótimo! — Ela pega o celular e franze a testa ao olhar para a tela. — Droga, tenho que ir. Qual é o seu número?

— Eu não tenho — respondo, um pouco envergonhado.

— Como assim não tem... — ela começa a dizer, parecendo um pouco desapontada. — Bem, me encontre na praia amanhã. No mesmo lugar de hoje. Chego lá de tarde.

Faço que sim com a cabeça.

— Está bem. Combinado.

Ela sorri mais uma vez e joga a carteira para mim. Eu me atrapalho ao pegá-la, desastrado. Quando consigo guardá-la de volta no bolso, Emma já está atravessando a rua, desaparecendo entre a multidão de turistas.

Não acredito, penso. Eu acabei de fazer uma amiga?

Foi horrível perceber que não sabia dizer com certeza porque nunca tive um amigo na vida além de Rey. Como vou salvar um planeta assolado por uma raça de alienígenas guerreiros se não consigo nem ao menos interagir com outras pessoas?

Penso nos outros Gardes. E se eu não me der bem com eles?

CAPÍTULO SETE

Em vez de esperar Emma no lugar onde ela me surpreendeu ontem, fico bem afastado, vagando entre alguns banheiros públicos e uma densa vegetação. Assim será possível ver se ela vai aparecer com um exército de mogs ou algo do tipo, apesar de eu não acreditar *muito* nessa possibilidade. Só estou sendo cauteloso.

E não quero que ela me pegue de surpresa outra vez.

Emma chega no começo da tarde. Ela olha ao redor, à minha procura, antes de dar de ombros e se sentar debaixo da palmeira onde me encontrou da outra vez. Ela espera um pouco, cerca de vinte minutos, enquanto tento tomar coragem para ir até lá.

É estranho como me sinto nervoso. Isto é tão estranho para mim, encontrar alguém. Conversar com alguém completamente novo. Eu me sinto embaraçado.

Quando ela se levanta e parece prestes a ir embora, cerro os dentes e vou até lá.

— Oi! — diz, sorrindo, assim que me vê. — Pensei que fosse me dar bolo.

— Foi mal — respondo, enfiando as mãos nos bolsos. — Eu... hã... perdi a noção do tempo.

— Sem problemas. Hoje está gostoso aqui fora. Vamos ficar por aqui um tempo.

Então nos sentamos e conversamos. Ou, na maior parte do tempo, ela fala e eu respondo às perguntas da forma mais vaga que consigo, isso quando não conto uma mentira deslavada. Onde nasci? Aqui perto. Onde moro? Não muito longe da praia. E quanto aos meus pais ou o restante da família? Estão por aí. Viajam bastante. Fico sozinho, à própria sorte. Bato carteiras de vez em quando porque acho divertido.

Emma não me pressiona a responder, o que quase faz eu me sentir culpado por todas as mentiras que conto — que tenho uma casa para onde voltar, à noite, e uma família amorosa à espera. É fácil conversar com ela, de um jeito que nunca foi com Rey. Principalmente porque ela fala muito sobre si mesma, e tudo o que diz é novidade para mim. Às vezes ela começa a falar em espanhol sem querer, e é tão bonito que nem lhe aviso que não consigo entender.

Ela não é nem um pouco a pessoa que deu impressão de ser quando nos conhecemos, alguém seguro de si e que sabe se virar bem nas ruas. Quando começa a falar, a verdade passa a transparecer. O irmão pode ser uma espécie de criminoso — até aí acredito que seja verdade —, mas ela é apenas uma garota rebelde que desenvolveu a habilidade de furtar, em busca de aventura durante o verão. Emma realmente *tem* uma família amorosa e uma casa para onde voltar todas as noites. Mas, pelo que posso ver, ela está desesperada para fazer parte de algo, para ter um gostinho do perigo.

É engraçado: nunca imaginei que as pessoas realmente saíssem à procura de problemas ou perigo. Acho que, quando se passa a vida se escondendo de tudo para impedir que algo ruim aconteça, esse tipo de coisa perde a graça. Mesmo assim, aceito a proposta dela de irmos furtar algumas carteiras e bolsas. Penso nisso como um jogo, como treinamento. Mentir. Esconder-se. Não se deixar notar. São coisas que, *tecnicamente*, Rey aprovaria, já que são habilidades que vão me ajudar a não ser encontrado pelos mogs.

Certo?

Descubro bem depressa que não sou um grande ladrão quando não uso meus poderes. Bastou ser perseguido pelas ruas de South Beach uma vez para eu perceber isso. Emma não entende como passei tanto tempo sem ser pego, mas apenas dou de ombros. Minha função passa a ser distrair os outros. Sou a pessoa que para e pede informações ou que cai bem na frente de um alvo enquanto ela bate as carteiras.

Nisso não sou ruim. Estou basicamente mentindo e inventando histórias.

E, antes que eu perceba, temos um bom sistema e estamos ganhando bastante dinheiro. Pelo menos o suficiente para eu nunca passar fome ou deixar de comprar alguma coisa que queira, e ainda sobra um pouco para a minha poupança do Canadá. Ficamos bons nisso. Estabelecemos um código de honra, uma espécie de pacto Robin Hood. Roubamos apenas as pessoas a quem o dinheiro não vai fazer falta. Eles são fáceis de encontrar, vivem entrando e saindo de lojas de marca ou hotéis. Nossos alvos são apenas turistas, nunca pessoas que parecem ser da área.

Nós nos vemos quase todo dia. Cerca de uma semana depois de conhecer Emma, pergunto por que ela gosta tanto de burlar a lei e roubar pessoas. Já deduzi que sua família tem uma boa situação financeira, e ela poderia pedir dinheiro para os pais, se quisesse.

— Respeito — ela responde, jogando a carteira vazia de uma mulher em uma lixeira da praia. — É isso que eu quero. É disso que *nós* precisamos. Quando as pessoas o respeitam, você pode fazer qualquer coisa. É assim que se ganha poder em uma cidade como esta. Seu nome precisa ser conhecido.

Quero desesperadamente contar a ela que meu nome é conhecido. Por um monte de gente. Sou um salvador. E um alvo. Porém, quanto mais tempo passo com Emma, menos importância parece que isso tem, e mais distante fica o Canadá. Com ela, sou apenas um garoto tomando sorvete e comendo em barraquinhas todos os dias, passando as tardes entrando escondido em cinemas e as manhãs vadiando na praia.

Em algumas semanas, Emma e eu ganhamos reputação nas praias. Pelo menos, reputação o suficiente para o irmão dela ouvir falar da gente e mandá-la parar antes de se meter em problemas. Posso ver que o pessoal local mudou o modo como pensava em mim apenas pela forma como nos olham quando passamos por eles. Alguns olham com respeito. Outros, com um pouco de medo. Todos eles sabem quem somos e o que sabemos fazer.

É uma sensação boa ser reconhecido.

Carrego minha arca para todo lugar, pois tenho muito medo de deixá-la escondida por aí. É tudo que me restou da ilha e de Rey, e ambos parecem muito distantes agora. À noite, durmo com ela bem junto de mim. E é nos momentos em que estou pegando no sono que meus pensamentos vagam até meu destino e o restante da Garde, até a guerra e a luta que certamente me aguardam no futuro. Sonho que nunca mais preciso ser Cinco. Que posso fazer o que quiser, que não estou mais preso ao destino que os Anciões de Lorien me impuseram.

Mas sei que não posso escapar. Não completamente. Ou luto junto com a Garde — sete soldados superpoderosos que nunca se conheceram tentando derrotar um exército inteiro —, ou os mogs matam todos nós e dominam a Terra.

Gostaria que houvesse outro jeito, uma terceira opção que eu ainda não tenha considerado. No entanto, nem que minha vida dependa disso, não consigo pensar em nenhuma.

É melhor aproveitar o tempo que me resta neste planeta, enquanto ainda é possível.



Certa noite, encontro o alvo perfeito.

Emma e eu estamos juntos atrás de um dos hotéis chiques na orla da praia, vendo o que roubamos durante o dia. Já está escuro, e as únicas pessoas que nos notam são alguns corredores que saíram para se exercitar à noite e acenam com a cabeça ao passarem por nós.

O alvo tem entre trinta e quarenta anos e está muito bem-vestido com uma camisa de botão preta, calças cinza e sapatos pretos lustrosos que são péssimos para caminhar na praia, mesmo que apenas na calçada. O cabelo preto penteado para trás acentua o tom pálido de sua pele, que indica que ele dificilmente é de Miami. E, o mais importante, ele está sozinho.

Ótimo. Ele está praticamente pedindo para ter a carteira roubada.

Olho para Emma, que retribui com um sorriso malicioso. Um sorriso que, a esta altura, reconheço facilmente.

— Qual a história? — ela pergunta.

— Perdemos nosso gato — respondo. — É escuro como a noite, e estamos procurando por ele há horas.

Ela sorri e concorda com a cabeça, afastando-se de mim. É assim que fazemos. Eu entro com as histórias e ela faz o “trabalho pesado”.

Quando o homem se aproxima, seu olhar alterna entre nós dois, mas sem muita atenção. Quando passa por Emma, entro no caminho dele. Emma se posiciona atrás dele.

— Ei, senhor! Por acaso você viu um gato preto correndo por aí? Estamos tentando...

O homem se move depressa — mais do que esperei que ele conseguiria —, e em um piscar de olhos Emma está ao seu lado enquanto ele torce o braço dela. Uma carteira vermelha de couro cai da mão dela e quica na calçada. O homem aperta ainda mais os dedos que a seguram, e Emma cai na areia e geme de dor. Ela solta uma série de palavrões em espanhol.

Droga.

Faço menção de avançar, mas ele levanta o braço. Tem um ar de autoridade que me faz parar. Não sei o que fazer. O homem fala com Emma em espanhol, diz algo que a faz arregalar os olhos. Ela murmura uma resposta e ele replica, com uma voz grave e suave. Um olhar de reconhecimento surge no rosto de Emma, que arregala ainda mais os olhos. Parece estar entendendo algo que não compreendo, e começo a me sentir completamente ignorante sobre o que está acontecendo bem na minha frente.

Tudo que sei é que a única amiga que tenho no mundo está caída no chão em frente a um homem de quem claramente tem medo. Então, quando ele faz menção de tocá-la, não consigo me impedir de reagir.

Jogo-o para trás com uma onda telecinética.

O ataque não é muito forte — foi apenas uma pequena fração do meu Legado —, mas serve para afastá-lo. Ele parece surpreso por

um momento, então estreita os olhos para mim. Estufo o peito e cerro os punhos.

— Cody, o que você... — Emma parece confusa. — Ouça, eu conheço esse cara. Mais ou menos.

O homem se curva devagar, mantendo as mãos na frente do corpo, e pega a carteira do chão. Ele tira dois cartões e os joga. Eles caem na calçada.

— Se algum dia precisarem de trabalho, liguem para esse número — diz.

Então, como se pensasse melhor, também joga uma nota de cinquenta dólares no chão.

Então ele passa direto por nós. Vai embora. Como se não tivesse nada com que se preocupar. Alguma coisa nele, uma essência impregnada no ar, o faz parecer inatingível.

Quando o desconhecido está fora do alcance de nossas vozes, eu me viro para Emma:

— Você está bem? — pergunto, preocupado.

— Você não tem ideia de quem é ele, tem? — Emma pergunta sem tirar os olhos das costas do homem.

— Não. Quem é?

Emma pega os dois cartões do chão e me entrega um. É branco, e contém apenas um número de telefone impresso em preto, bem no meio.

— O nome dele é Ethan — ela responde. — Ouvi meu irmão falar sobre ele, esses dias. É um cara muito importante que está mudando as coisas aqui pela cidade. Sabe o que isso quer dizer? — Ela olha para mim, mas apenas nego com a cabeça. Ela sorri. — Ele é a nossa passagem para o próximo nível.

CAPÍTULO OITO

Emma liga.

Ela não fala com Ethan, mas a pessoa do outro lado da linha parece saber quem somos. Isso me deixa nervoso, mas eles conhecem apenas um nome falso.

Ethan parece estar precisando de pessoas para levar pacotes e documentos de um lado a outro da cidade. Não é bem o que Emma tinha em mente quando ligou, mas ela aceita por nós dois.

— Achei que não quisesse alguém mandando em você — digo quando ela desliga o telefone.

— E *não quero*. — Ela franze um pouco a testa. — Mas estou começando a ficar entediada de roubar a carteira de pessoas aleatórias todos os dias. Você não está?

Não muito, penso, mas apenas dou de ombros.

— Então, você vai progredir na carreira e dominar a arte de roubar carros, ou algo do tipo? — pergunto, com um sorriso.

Ela me dá um soco no braço e ri.

Ligamos para pegar nossos trabalhos. Isso em geral significa pegar envelopes em algumas lojas ou lugares específicos e entregá-los em outras lojas, do outro lado da cidade. Emma odeia, mas eu não me importo. Desse jeito passo a conhecer áreas da cidade que nem sabia que existiam. Lojas de vodu em Little Haiti e candelabros pendurados em vitrines no Design District. Às vezes precisamos nos dividir para dar cabo de tudo, mas na maioria das vezes corremos a cidade juntos.

Em um dos dias em que estou trabalhando sozinho, encontro Ethan outra vez.

Ele está sentado a uma daquelas mesas com pequenos sofás em vez de cadeiras, nos fundos de um restaurante. Tenho um pacote

para entregar a ele. O lugar é bem chique, ou pelo menos mais chique do que os restaurantes de *fast-food* e barraquinhas de comida onde costumo fazer minhas refeições. Ele dá um sorriso largo ao me ver, revelando dentes muito brancos.

— Aí está meu melhor empregado — diz, indicando o sofá do outro lado da mesa. — Por favor, sente-se.

— Obrigado, hã... — Eu me dou conta de que não sei como chamá-lo.

— Pode me chamar de Ethan.

— Ethan.

Confirmo com a cabeça e me sento no sofá, colocando a bolsa de lona aos meus pés. Antes que eu tenha a oportunidade de falar, começa a chegar comida: pratos e mais pratos de ceviche, frango assado e macarrão mergulhado em molho. Ethan me diz para comer o quanto quiser, e eu praticamente enfio a comida na boca.

— Não costumo sujar as mãos com ladrõezinhos ou gangues de rua da cidade — Ethan fala enquanto comemos, cortando um camarão em seu prato. — Mas recebo relatórios. De pessoas nas ruas. De policiais. Quando surge alguém muito notável, fico sabendo. E você e sua amiga certamente são pessoas muito notáveis. E já tinham uma ótima parceria antes de cruzarem comigo. Diga-me, o que o levou a bater carteiras? Por que faz isso?

— Para sobreviver.

Ethan sorri. Ele aponta para mim com o garfo.

— Você é bem novo. Uns quatorze anos, eu diria. Estou certo?

Confirmo com um aceno de cabeça.

— Morei nas ruas quando tinha a sua idade — ele continua. — Virei um ótimo ladrão por causa disso, mas também fui forçado a crescer rápido. Não é uma vida fácil. E é perigosa. Meu irmão não sobreviveu. — Ele foi abaixando a voz.

Fico imóvel. Parece indelicado continuar a comer enquanto ele conta sobre o irmão que já morreu, então guardo um enorme pedaço de queijo na bochecha, pois não quero engolir enquanto ele fala.

— Passei dias procurando por ele antes de finalmente encontrá-lo. Uma outra gangue tinha... Bem, não faz diferença. Não quero

assustá-lo. Mas vejo muito dele em você. É realmente estranho. Acho que ele teria sobrevivido se tivesse seus talentos.

Fico tenso. Pelo que Ethan sabe, meus talentos incluem entregar correspondência e bater carteiras. Lembro quando nos encontramos na praia e eu, idiota que sou, o empurrei usando a telecinesia. Será que ele percebeu o que era aquilo?

Não, digo a mim mesmo. Ele deve pensar que foi o vento. Como poderia saber?

— Hã, bem... — digo. — Sinto muito pelo seu irmão.

— Isso é parte do passado — Ethan responde. — Mas você não, você é o futuro.

Os lábios dele se curvam em um sorriso.

— Conte-me mais sobre você — ele pede.

Então eu começo a falar. Não sobre Lorien ou a ilha, e sim sobre coisas de que gosto. *Arepas*, filmes, livros, fliperamas. E Ethan parece fascinado. Descubro que ele é viciado em filmes. Ele começa a recitar uma longa lista de filmes a que eu deveria assistir, e começo a me perguntar como fui parar em um restaurante chique de Miami, conversando sobre filmes com um gênio do crime de alto escalão.

O que Rey diria? Gostaria que ele estivesse aqui. Gostaria que ele pudesse ver como eu estou me virando bem sozinho. Como estou ficando importante.



Emma sempre quer mais, sempre quer trabalhos maiores e melhores.

Acabamos conseguindo um.

Ethan quer colocar algumas escutas em vários armazéns, para vigiar a concorrência, ou algo do tipo. Como de costume, não fazemos perguntas. Nosso trabalho é entrar nos prédios à noite, quando estão vazios, e esconder alguns pequenos dispositivos eletrônicos que Ethan nos forneceu. É uma tarefa extremamente simples.

Então é claro que tudo dá errado.

Emma e eu nos dividimos para fazer o trabalho, e estou no meio da instalação das escutas em um armazém cheio de fileiras de caixas e estantes quando aparecem uns dez caras. Se minha vida fosse um filme de super-herói, eles seriam capangas típicos.

— Hã... — começo a dizer quando eles formam um semicírculo a meu redor. — Oi. Eu só estava procurando um lugar para passar a noite. Vou sair daqui e...

— Ethan mandou você, não foi? — um dos homens fala.

— Ethan? — pergunto — Quem é Ethan?

O homem me responde com um soco.

A princípio, o treinamento básico de Rey sobre luta corporal até que é útil, mas estou enferrujado e nunca fui muito bom, para começar. E há tantos deles. Desvio de alguns socos, até que um punho acerta minha barriga e me curvo. De repente estou no chão, recebendo chutes de todos os lados, e vejo um clarão quando o pé de alguém acerta minha nuca.

Eles não podem me matar — ainda há dois Gardes entre mim e a morte —, mas podem me machucar. Podem me incapacitar, me mandar para a emergência ou me sequestrar.

Só tenho uma chance de escapar desta situação.

A energia telecinética irrompe do meu corpo, fazendo todos os meus agressores voarem para longe. Não dou chance de ninguém se recuperar. Uso meu Legado para jogá-los na parede, um a um, levantando-os no ar e depois atirando-os com força no concreto. Ataco com fúria, usando meus poderes de jeitos que nunca sequer havia imaginado. É estranho como isto me parece tão natural, esta destruição. É uma sensação tão boa, como alongar um músculo que não uso há algum tempo. Percebo que senti falta de usar a telecinesia com frequência, como fazia na pequena ilha ou na época em que comecei a bater carteiras. Os corpos voam pelo aposento, batendo nos lustres e nas estantes, até que alguém grita meu nome e eu congelo.

Emma.

Eu me viro e a vejo parada em uma das portas da área de carga e descarga, agora abertas, iluminada pelo luar. Ela não faz menção

de se aproximar. Tem uma expressão em seu rosto que nunca vi antes. Está com os olhos arregalados, a parte branca se destacando na semiescuridão. As mãos estão tremendo.

Ela está apavorada.

Os agressores, suspensos ao meu redor, caem ao mesmo tempo, batendo no chão com um barulho abafado.

— Emma — digo, dando um passo na direção dela.

Ela dá um passo para trás.

— O que você é? Como você... — ela diz. Então olha para uma das pessoas caídas a alguns metros de mim. — Marcus? — pergunta.

Ela corre até ele. Ele não responde quando Emma o sacode, e os olhos dela se enchem de lágrimas.

Levo um segundo para entender de onde conheço o nome "Marcus", então me lembro. Não reconheci de imediato, porque ela costuma se referir a ele apenas como "meu irmão".

Marcus parece estar vivo, mas sua perna está virada em um ângulo que me faz ter certeza de que está quebrada. E ele também deve ter quebrado algumas costelas durante a queda no chão.

O que foi que eu fiz?

— Desculpe-me, eu — começo a dizer, mas sou interrompido pelo olhar de Emma, que é de puro ódio.

— Seu monstro — ela diz. — Você é uma aberração. Está possuído? Como você fez isso?

Dou um passo na direção dela, mas ela se levanta e pega um cano de uma das estantes que derrubei.

— Emma...

— Não se atreva a dar mais nenhum passo.

— Está tudo bem — digo. — Sou eu. Cody.

Ela sacode a cabeça. Ou talvez só esteja tremendo, é difícil dizer. O irmão murmura algo ininteligível, aos pés dela.

Avanço mais um passo.

— Deixe-me ajudar...

E aí ela me golpeia. O cano acerta a lateral da minha cabeça e tudo fica preto.



Quando acordo, estou em um carro. Um carro bem *maneiro*, com o interior todo de couro cinza e painéis *touch screen*. Um homem de terno está ao volante. Estou no banco de trás. Ethan está ao meu lado.

— Bem-vindo de volta ao mundo dos vivos — diz.

Minha cabeça lateja. Encosto os dedos em um galo pulsante na lateral do crânio.

— Emma — murmuro.

— Foi um golpe e tanto. Você deve ter tido uma concussão. Posso pedir a um dos meus médicos que dê uma olhada em você, caso se sinta tonto ou desorientado.

— Onde ela está?

— Ela ficou para trás. Parece que um dos homens era irmão dela. Emma ligou para pedir ajuda. Fui assim que soube que tinha acontecido algum problema e o tirei de lá. Não queria que você se machucasse ainda mais, que fosse preso, ou qualquer coisa assim.

Assinto com a cabeça em um pequeno movimento, mas é o suficiente para fazê-la doer ainda mais. A dor deixou ainda mais difícil a tarefa de pôr meus pensamentos em ordem e tentar entender o que aconteceu. Meu corpo dói em uns cem lugares. Minha camiseta branca está manchada de sangue. Minha Arca Lórica... Meu coração acelera quando penso nela. Procuo-a no carro. Minha bolsa de lona suja está aos meus pés, no chão. Eu a pego e abro, desesperado. A arca ainda está lá. Respiro.

— Então parece que você tem na manga uns truques que tinha se esquecido de mencionar — Ethan continua. — Não é de se surpreender que vocês dois tenham se saído tão bem nos trabalhos que passei.

— Ela não sabia — respondo.

Arrependo-me das palavras no mesmo instante. Sem querer, acabei de revelar a verdade: que tenho poderes. Que sou diferente.

Entretanto, ele já sabe. Ele viu o que fiz, com tanta clareza quanto Emma.

— Ah, isso explica a reação dela.

Um monstro, foi disso que ela me chamou. Pensei que ela fosse minha amiga.

Olho pela janela, sem saber ao certo para onde estamos indo. Talvez eu devesse abaixar a janela e sair voando pela noite. Encontrar outro lugar para ir. Recomeçar mais uma vez.

Talvez seja enfim hora de voltar para o Canadá.

Uma pergunta surge em minha cabeça dolorida: é assim que minha vida vai ser agora? Ficar me mudando de cidade em cidade, sem a menor ideia do que fazer? Sem chances de encontrar os outros Gardes. Sem chances de eles me encontrarem. Se é que estão procurando por mim. Eu podia fazer uma cena, revelar meus poderes, mas aí os mogs provavelmente me matariam antes mesmo de os Gardes saírem de seus esconderijos.

Gostaria que houvesse outro jeito.

— O que vocês eram? Parceiros? Amigos? Algo mais?

Penso na pergunta por um tempo, tentando entender aonde ele quer chegar.

— Amigos — respondo. — Quer dizer, acho que a gente era.

— Uma amiga nunca reagiria daquela forma, Cody — ele fala, recostando-se no banco. — Uma amiga não lhe daria as costas. Odeio dizer isso, mas acho possível que Emma estivesse apenas se aproveitando, tentando tirar vantagem de você. Usando você.

Faço menção de discordar, mas ele levanta uma das mãos, me impedindo de falar.

— Sabe o que você é para mim?

Balanço a cabeça devagar, em negação.

— Um empregado? — pergunto.

— Você é potencial — Ethan responde. — Você tem um poder cru, destreinado. Não sou um tolo. Reconheço talento quando vejo um, e respeito isso. Andei pelo mundo inteiro. Já vi muitas coisas loucas e inexplicáveis. Coisas em que você não acreditaria nem mesmo se eu jurasse por tudo que é mais sagrado. Vi homens na Indonésia capazes de revelar seus segredos mais terríveis. Mulheres no Caribe capazes de ressuscitar animais. Nada me surpreende. Você não precisa me falar sobre sua vida ou contar sua história. Mas

também não precisa esconder nada. Nunca olharei para você como se fosse uma aberração. Não importa que poderes ou dons tenha, eles só indicam que você é mais forte do que a maioria, está bem? Indicam que você é alguém capaz de resistir. De sobreviver. E é por isso que você está aqui agora. — Ele indica o carro com um gesto. — Temos muito a oferecer um ao outro. Se trabalharmos juntos, seremos imbatíveis.

— E Emma? — murmuro.

— Emma tem família. Além do irmão, que é um tolo, tem pais e uma casa. Você, por outro lado, não tem nada, não é mesmo?

— O que leva você a acreditar nisso?

— Cody, eu controlo meu negócio com rédeas curtas. Investigo o passado de todas as pessoas com quem trabalho. Você, meu garoto, é uma espécie de anomalia.

Percebo que ele não pareceu nem um pouco chocado com nada do que aconteceu. Meus poderes. Emma me abandonar.

— Você estava me seguindo!

— Você precisa aprender a ser mais furtivo. — Ethan prende o cabelo preto atrás das orelhas. — Isso é algo que posso lhe ensinar. E, pelo que parece, também precisa de bastante treinamento de combate corpo a corpo. Mas o mais importante é essa habilidade. Você é capaz de mover objetos apenas sacudindo as mãos.

— Telecinesia — digo.

O que estou fazendo? Eu deveria ir embora, pular do carro e sumir na escuridão.

Mas Ethan já sabe. E de repente percebo que ele é meu único amigo agora. O jeito como Emma me olhou... Sei que não tem volta. Ficaria surpreso se algum dia ela voltasse a falar comigo. Além disso, toda essa história de treinamento... Talvez seja uma coisa boa. Ethan certamente é um homem poderoso. Se puder me treinar para ser como ele, isso pode ser útil mais tarde. Quer dizer, eu sempre posso ir embora. Certo?

— Pessoas como nós são diferentes, Cody — Ethan diz. — Você é especial. Soube no momento em que o conheci, na praia. Já podia dizer que você é quem tinha talento na dupla. Você é poderoso, mas

posso ajudá-lo a virar alguém que as pessoas admiram e respeitam de verdade. Você gostaria disso?

— Sim — respondo.

Não preciso nem pensar.

— Ótimo — ele diz com um sorriso. — Temos um futuro brilhante à frente.

O motorista faz uma curva e segue em direção a um portão de ferro ornamentado. Ele se abre, exibindo um longo caminho pavimentado que leva a uma casa que parece saída de um filme sobre milionários de Hollywood.

— Que lugar é este? — pergunto.

— Sua nova casa.

CAPÍTULO NOVE

É meio estranho como o tempo voa depois que Ethan me adota como seu protegido. Digo a mim mesmo que ficarei mais um ou dois dias, mas as semanas passam rápido. *Vou embora amanhã*, penso sempre. Mas fica sempre para amanhã, nunca para hoje, e vou ficando.

Nada mais de trabalhar como batedor de carteiras ou entregador. Vivo no luxo.

Estando em uma casa como a de Ethan, é difícil pensar em voltar a dormir em telhados ou em uma cabana. A mansão tem tudo que alguém poderia querer. Biblioteca, salão de jogos, vista para praia... Tem até um cinema no porão, que é onde passo a maior parte do tempo livre. Tudo é trancado e destrancado por um cartão magnético que carrego na carteira cara que ganhei de Ethan. Tem funcionários que limpam a minha bagunça. E também um cozinheiro. Um *cozinheiro*. Acho que ele é a pessoa de quem mais gosto na casa inteira. Além de Ethan, que assiste a filmes comigo quase toda noite.

Gosto de lembrar a mim mesmo que Rey queria que eu estivesse seguro. O que poderia ser mais seguro do que um lugar como a casa de Ethan? É uma *fortaleza*. Ethan me deu um quarto maior do que toda a cabana da ilha. Tenho praticamente o segundo andar inteiro só para mim. Tudo que eu poderia querer. Coisas que eu *nem sabia* que precisava. Nunca usamos fio dental na ilha, que dirá computadores. Uso a internet para tentar encontrar qualquer informação sobre os Gardes — qualquer reportagem de jornal ou postagem em blogs que possa me levar a eles —, mas, sempre que penso estar chegando perto, a internet vira um muro de pedra. Recebo uma mensagem de erro do navegador, informando que o

endereço não funciona ou que o site está com problemas. Imagino que isso seja obra dos outros Cêpans, tentando cobrir os rastros. Se Rey estivesse vivo e tivesse acesso à internet, tenho certeza de que sairia deletando as coisas que eu postasse também, ou que invadiria e apagaria qualquer site.

Ou isso ou os outros Gardes têm medo demais de sair de seus esconderijos ou de fazer qualquer coisa que não se sentar e esperar algo acontecer para começar a reagir.

Nada parecidos com Ethan. Ethan é o Cêpan dos meus sonhos. Ele me dá tudo o que eu quiser. E pega tudo o que ele quiser.

— O mundo inteiro lá fora pode ser seu — ele diz pelo menos uma vez por dia.

E, quando fala, parece que realmente acredita nisso. E faz sentido. Que maneira melhor de mostrar força e poder do que ser capaz de fazer o que quiser, quando quiser? Ethan desiste do treinamento de corrida e levantamento de peso e passa a focar nos meus Legados. Digo que não sei qual é a origem deles, e Ethan diz que isso não importa, que só o que importa é que podemos usá-los. E ele me treina. Alguns dias trabalhamos a precisão da telecinesia, outros, a força. Voar fica cada vez mais fácil, até que passo a levitar quase sem pensar. Seus funcionários são bem-pagos e não se atreveriam a comentar sobre o que veem. E ele me garante que jamais contaria a alguém o que posso fazer. Sou sua arma secreta. Ele tem coisas incríveis planejadas para o meu futuro. Quando eu estiver pronto.

É um futuro que estou ansioso por descobrir.

Ethan acredita no poder. Acho que é obcecado por ele. Não é difícil notar como fica feliz quando nos leva para restaurantes chiques ou lojas extremamente caras, e os garçons e funcionários o tratam como um deus que veio à Terra para comer filé-mignon. Eu entendo. Também me sinto assim quando estou com ele. A sensação empolgante de quando olham para alguém como se fosse superior, até mesmo com *inveja*.

É como um vício.

Mas inveja e dinheiro não são os únicos aspectos do poder de que Ethan gosta. Ele também é chegado à intimidação.

Já eu não sou tão bom nisso.



Alguns meses após o incidente no armazém, estamos andando, depois do almoço, por uma área badalada do centro de Miami repleta de outdoors e letreiros luminosos. Ethan usa o terno escuro de sempre e eu visto uma camisa e calças jeans que devem ter custado quase que o suficiente para comprar toda a ilha onde eu morava com Rey. Não há resquício do meu cabelo longo e embaraçado. Estou com um corte da moda. Eu me pergunto como sobrevivi nos trópicos por tanto tempo com todo aquele cabelo.

Como de costume, fico procurando por Emma. Não sei se quero vê-la de novo, mas não quero encontrá-la na rua de surpresa.

A última coisa de que preciso é outra concussão.

Passamos por alguns adolescentes um pouco mais velhos que eu sentados do lado de fora de uma cafeteria, dois garotos e duas garotas. Não reparo no cachorro aos seus pés até que ele late para mim, e me sobressalto, assustado, esbarrando em Ethan e quase jogando-o no meio da rua.

As pessoas na mesa começam a rir. Uma das garotas pede desculpas e puxa o cachorro para mais perto.

— Que idiota frouxo — um dos garotos murmura para o amigo.

— O que foi que você disse? — Ethan pergunta, aproximando-se da mesa.

Noto que todos os adolescentes parecem desconfortáveis.

— Nada — o garoto responde.

— Ouviu do que ele chamou você? — Ethan pergunta para mim.

Reconheço o tom de voz. Ele entrou no modo professor, pronto para me ensinar uma lição importante.

— Sim... — respondo.

— E você é um idiota?

— Ei, cara — a garota fala. — Nós pedimos desculpa. Ele não quis dizer isso. É só um babaca.

Ethan a ignora. Em vez disso, fala para mim:

— Aquele garoto desrespeitou você.

— Acho que foi.

Dou de ombros. Mas Ethan olha ao redor por um momento. Estamos na lateral da cafeteria. Não tem muita gente na rua. Ninguém perto de nós, pelo menos.

— Então *mostre* que esse garoto deveria respeitá-lo.

O cara na mesa se levanta. Tem o dobro da minha altura e é pelo menos duas cabeças mais alto do que Ethan.

— Vamos deixar isso pra lá — o garoto fala.

Olho para Ethan, hesitante.

— Você precisa começar na parte mais baixa da cadeia alimentar e ir subindo até o topo — ele diz, baixinho. Então se vira para me encarar nos olhos: — Se você não ensinar a ele que é mais poderoso, eles nunca vão temê-lo. Já está na hora de tomar uma atitude.

Assinto com a cabeça.

— Olha — o garoto começa. — Eu disse...

Ergo uma das mãos diante dele e o garoto de repente voa quase um metro para trás, batendo na parede da cafeteria. Ele começa a xingar e a tentar se mover desesperadamente, mas estou segurando seu corpo a uns trinta centímetros do chão. Ele não pode fazer nada. Estou no controle.

Os outros adolescentes soltam exclamações de surpresa e ficam apavorados.

— A garota pegou um celular — Ethan diz, muito calmo.

Com a outra mão, uso meu Legado para arrancá-lo de seus dedos e jogá-lo no chão. A tela quebra.

— O garoto está tentando fugir.

Um dos outros garotos na mesa está indo em direção à entrada lateral. Dou uma espécie de rasteira nele fazendo apenas um movimento rápido do pulso.

— Tem alguém atrás de você.

Eu me viro, as mãos estendidas, pronto para lutar.

Mas não tem ninguém.

Olho para Ethan. Ele está sorrindo.

— Perfeito — ele diz. Então dá uma olhada apressada ao redor e diz: — Melhor a gente ir.

Deixo o garoto cair no chão. Ele fica tremendo e respirando com dificuldade enquanto vamos embora, andando como se nada tivesse acontecido. Seus amigos se amontoam em volta dele. Meu coração bate forte no peito. Eu me sinto tonto, leve e estranhamente satisfeito.

Não consigo conter um sorriso.

— Você parece feliz consigo mesmo — Ethan diz. — O que achou daquilo?

— Maravilhoso — respondo.

Foi maravilhoso.



Um ano depois de chegar à casa de Ethan — quase na data exata —, acordo no meio da noite. Minha panturrilha está pegando fogo. Grito de dor enquanto derrubo metade das coisas na mesa de cabeceira, tentando encontrar o abajur. Mesmo antes de ligá-lo, já sei o que a sensação significa.

Morte.

Outro deles morreu.

Um símbolo circular vermelho apareceu na minha perna acima de dois outros parecidos. Três morreu. A marca deve ser a única lápide que ele ou ela vai ter. Outro Garde sacrificado pela causa lórica. Resta apenas um lorião entre mim e a morte, se o que Rey me contou sobre a ordem em que teríamos que morrer for verdade.

Número Quatro.

Saio da cama mancando, fazendo uma careta de dor toda vez que apoio meu peso no tornozelo. E é mais peso do que antes. Depois de um ano de refeições bem-servidas na casa de Ethan sempre que sentia fome, não pareço nem um pouco com o garoto magrelo e queimado de sol daquela ilha. Sou forte como um tanque, agora. Grande. Talvez até um pouco gordinho. E definitivamente

mais pálido do que um ano atrás. Tenho me preocupado mais em treinar meus Legados do que em manter o corpo em forma.

A morte de Três me pega completamente de surpresa. Não é que eu tenha esquecido Lorien e os Gardes, mas, sem Rey me perturbando sobre isso o tempo todo, esse assunto se entocou em algum lugar escondido do cérebro. Passei tanto tempo me divertindo com Ethan que os Gardes voltaram a ser apenas histórias, mais uma vez. Tinha esquecido que existiam de verdade. Tenho tentado ignorar o fato de que uma hora eu serei o próximo alvo na lista numérica da morte.

Apenas mais uma maneira minha de mentir, eu acho. Só que, nesse caso, minto para mim mesmo.

Minha mente por fim fica tão desperta quanto o meu corpo, e começo a pensar nas possíveis implicações desse novo acontecimento. Talvez a morte de Quatro não esteja tão distante. Ainda há a chance de que Três e Quatro estivessem juntos. Eu *sempre* imagino os outros Gardes trabalhando unidos, sem mim.

Ando pelo quarto prendendo a respiração, esperando que uma nova queimadura deixe uma marca em minha perna. Entretanto, alguns minutos depois, nada acontece. Ainda assim, se mais uma cicatriz aparecer, significa que serei o próximo. Serei o próximo grande alvo.

Eu e quem quer que esteja comigo.

Paro de andar de um lado para o outro.

Eu poderia ir embora agora mesmo. Ethan nunca saberia o que está realmente acontecendo. Eu poderia fugir para outra cidade. Outro *país*. Finalmente ir para o Canadá, apenas um pouco depois do planejado.

Mas não quero ficar sozinho outra vez. Talvez Ethan queira ir comigo. Para alguém que não gosta de multidões, a ideia de não ter *nenhuma* pessoa com quem contar me assusta muito.

Mesmo que eu vá embora, os mogs ainda podem me rastrear por intermédio dele. Não fomos muito sutis com o uso do meu poder. De repente me sinto tão idiota. Por melhor que eu tenha me sentido ao demonstrar minha superioridade para as pessoas, como aquele

babaca da cafeteria, nunca devia ter deixado Ethan me convencer a fazer aquilo.

Preciso contar a ele o que está acontecendo. É o mínimo que posso fazer depois de ele ter sido tão bom para mim.

Quando saio do quarto, quase posso ouvir a voz de Rey no fundo da cabeça. *Não conte a ninguém quem você é. Não conte a ninguém o que você sabe. O segredo é a sua maior arma.* Mas Rey não está aqui agora, e o mundo não tem sido bem o labirinto de medo e perseguição que ele sempre disse que seria. Estou em Miami há mais de um ano e ainda não ouvi um sussurro sequer com a palavra Lorien. Se Rey ainda *estivesse* vivo, nós dois provavelmente estaríamos tirando caramujos das conchas com varetas de bambu enquanto suávamos e quase morríamos de fome em alguma ilha tropical.

Não, preciso contar a Ethan. Talvez ele consiga ajudar, de algum jeito. Ele é rico e esperto, talvez exista alguma casa feita de titânio para onde ele possa me levar. Ou armas. Talvez ele conheça alguém no exército com armas nucleares.

Ou algo assim.

Ando furtivamente pela casa escura. A porta do quarto de Ethan está aberta, mas ele não está lá dentro. Não há luzes acesas no banheiro ou no closet. Ele não está aqui.

Ele sumiu.

Meu coração quase para de bater.

Eles já chegaram. Eles o levaram. É tarde demais, estou ferrado.

Então reparo na cama de Ethan. Ainda está arrumada. Ele ainda não foi dormir.

Talvez esteja acordado até agora.

Desço as escadas com cautela, à procura de lâmpadas acesas na cozinha e na sala, mas não há nenhuma. Estou prestes a sair quando ouço uma música bem baixinha vinda de algum cômodo mais para o interior da casa. Um único sinal de vida, e então o som para.

Atravesso os corredores na ponta dos pés e descubro de onde vem o sinal. A porta para o escritório de Ethan — o quarto onde não

tenho permissão de entrar — está aberta. Uma luz prateada vem lá de dentro.

Sem chance.

Investiguei cada centímetro da casa durante o último ano, e esse é o único quarto que meu cartão não abre. Tentei inclusive arrombar a porta usando a telecinesia, em um dia em que Ethan não estava, mas não consegui. Sempre foi uma fortaleza impenetrável.

Até agora, pelo visto.

Abro a porta apenas mais um pouquinho e fico surpreso por ela ser tão pesada. Deve ser feita de metal, ou algo semelhante. Espio lá dentro.

Estantes de livros ocupam uma das paredes, mas todas as outras estão cobertas de mapas e gráficos. Há um mapa aberto em uma grande mesa redonda bem no centro, cheio de tachinhas e bandeirinhas. Ethan está sentado em sua mesa de trabalho. Tem três, ou melhor, *quatro* monitores ligados a alguns computadores, além de um laptop aberto. A música vem de alto-falantes escondidos pelo quarto, seu volume pouco mais alto do que um sussurro. Acho que é Beethoven, mas só sei disso porque certa vez Ethan me arrastou para um concerto, pensando que eu pudesse começar a gostar de ouvir um monte de violinos ou coisa parecida.

Ethan está de costas para mim, mas eu o ouço. Ele está conversando com alguém. Parece ser uma videoconferência. Quase consigo ver a pessoa na tela.

Meu corpo congela. *Pessoa* talvez seja a palavra errada.

O ser da tela tem cabelo preto e escorrido penteado para trás, além de algumas marcas escuras — de nascença? tatuagens? — visíveis nas têmporas. Seus olhos são duas esferas negras. Na lateral do nariz, a pele possui pequenas lascas brilhosas de carne, lembrando quelras monstruosas na pele cinzenta.

Já vi rostos como aquele, antes. Apenas uma vez. No Canadá.

Um mogadoriano.

Antes de entender o que está acontecendo, ouço Ethan falar:

— E quanto a Quatro? Já o pegaram?

Minha cabeça lateja.

O que está acontecendo?

— Temos algumas pistas. — O mog sorri, expondo dentes cinzentos. — Não deve demorar muito. É só esperar que ele cometa um erro, agora que o Número Três está fora da jogada. Temos algumas pistas que o ligam à Florida, mas parece que na verdade levavam ao seu encargo.

Não, não, não. Isso está errado.

— Isso é muito provável — Ethan concorda. — Nenhuma das nossas fontes em Miami reportou qualquer coisa, pelo menos.

Seu encargo. O mog está falando sobre *mim*. Meu coração pula para a garganta. Eles sabem onde estou.

Ethan está trabalhando para eles? Será que ele é *um deles*?

Nada está fazendo sentido. Meus pensamentos entram em um turbilhão. A marca vermelha na minha panturrilha está queimando.

— E o Número Cinco? — o mog desgraçado pergunta. — Espero que o treinamento continue conforme o planejado.

Minhas mãos tremem.

— Ele continua bem — Ethan diz. Inclina de leve a cabeça. — Na verdade, ele está aqui agora mesmo.

Um gemido escapa de meus lábios.

— Ligo para você depois — Ethan continua enquanto digita.

O mog desaparece.

E eu também.

Preciso sair desta casa. Seja lá o que estiver acontecendo, meu disfarce foi descoberto, e não posso continuar por aqui para tentar saber qual é a verdade.

Disparo para a porta da frente, mas está trancada. Meu cartão está lá em cima, mas tenho a ligeira suspeita de que não vai ser muito útil.

Vou em direção à porta dos fundos — a que é de correr e dá para o pátio, a que nunca fica trancada —, mas desta vez não consigo abrir nem uma fresta. Pego uma cadeira e a atiro no vidro. Deveria ser mais do que o suficiente para quebrá-lo. Em vez disso, a cadeira quica e cai no chão.

De repente, a casa parece uma gigantesca prisão.

— É à prova de balas — Ethan diz atrás de mim.

Eu me viro, erguendo os punhos, pronto para socá-lo ou usar minha telecinesia. Ele permanece parado, desarmado, com as mãos na frente do corpo, as mangas da camisa enroladas até os cotovelos.

— Explique-se! — grito, com uma fúria que nem sabia que tinha em mim. Estou completamente tomado pela adrenalina agora.

— Olhe, não há razão para lutarmos. Eu não quero, e nós dois sabemos que eu nunca seria páreo para você se...

Ele dá um passo à frente e eu o jogo para trás, fazendo-o voar por cima de um sofá cinza na sala e atravessar o vidro da mesa de centro.

Quando ele olha para cima, parece estranhamente satisfeito.

— Eu mereci isso.

— Explique-se — exijo outra vez. Não tão alto, mas com mais ênfase.

O que ele fez? O que eu fiz?

Ethan se levanta devagar e se senta na beirada do sofá. Ele tira um pedaço de vidro da palma da mão, fazendo uma pequena careta de dor.

— Tudo bem — ele começa. — Vamos ser honestos um com o outro, para variar.

Concordo com a cabeça. Ele respira fundo e começa a falar:

— Não sou ladrão, playboy criminoso nem nada disso. Pelo menos, não era. Foi só uma identidade que criaram para mim. Temos tantos vínculos com as pessoas que governam esta cidade, tanto políticos quanto criminosos, que foi fácil me colocar aqui.

— Como você me encontrou? — é tudo que consigo falar.

— Você chegou voando à costa ano passado. Essas coisas costumam chamar a atenção. Talvez não da mídia ou da polícia, mas as pessoas acabam falando... E nós estávamos escutando.

— Quem é você? Você não parece um mog.

— Já ouviu falar nos Acolhedores?

Aquela palavra traz de volta memórias das coisas que Rey contava. Uma lembrança de nós dois no Canadá surge em minha mente. Eu deitado na cama e meu Cêpan contando sobre como escapamos de Lorien. Ethan continua falando:

— Os Acolhedores eram humanos que se encontraram com os Cêpans logo que vocês chegaram à Terra. Eles ajudaram os Gardes a começar a vida aqui. Esse tipo de coisa.

Garde. Cêpan. É tão estranho ouvir essas palavras saírem da boca de Ethan. Palavras que mantive adormecidas por muito tempo.

— Certo — concordo. — E o que isso tem a ver com você?

— Eu deveria ser um deles.

— Você é um Acolhedor?

— Eu fazia parte de um conselho que um homem chamado Malcolm... Quer saber? Essa parte não importa. O que importa é que consegui predizer o futuro. Sei identificar o poder... o *potencial* quando o vejo. Essa parte é verdade. E vi que não havia esperanças de o esquadrão de crianças lorienas derrotar os mogadorianos. Então, quando os mogs vieram para a Terra à procura de vocês, fiz um acordo com eles. Em troca de meus serviços, vão me deixar vivo. O futuro da Terra pertence aos mogadorianos, e, quando dominarem o mundo, eles vão lembrar que os ajudei. — Ele se curva um pouco e, quando volta a falar, é mais para si mesmo do que para mim: — Acho que fiz a escolha certa. Os Acolhedores não tiveram uma vida fácil, desde então.

— Você me entregou para continuar vivo — digo baixinho, encostando-me na porta. Olho para fora. De repente, percebo o que isto significa. — Eles já devem ter chegado para me matar, não chegaram?

— Ei, ei! — Ethan começa, levantando as mãos outra vez. Uma delas está sangrando por causa do caco de vidro. — Você entendeu errado. Não vou entregá-lo para morrer. Eles não querem machucar você. Minha ajuda é cuidar do seu treinamento. Você vai dominar este lugar, Cody. Os mogadorianos querem que você reine ao lado deles.

Fico boquiaberto.

— O quê? — pergunto, como um idiota. É só o que consigo dizer agora.

— A Garde já era — Ethan explica. — Apareceu outra cicatriz, não foi? Isso quer dizer que restam seis de vocês. Os mogadorianos têm um exército inteiro... não, *mundos* inteiros à disposição. Você

realmente acha que Lorien é alguma ameaça para eles? Ou que a *Terra* ofereceria resistência?

Não respondo, apenas fico tentando entender tudo o que está acontecendo.

— Por que eu?

— Eles têm outros. O Número Nove está sob custódia *agora mesmo*, mas não é um líder. Sei disso porque o conheci. É você quem tem o que é preciso. Poder e vontade de comandar. Tudo isto, esta casa, os funcionários, minhas aulas, tudo isto foi montado para você. Para deixá-lo mais forte.

— Vocês estão com Nove?

Minha mente é um turbilhão. Por tanto tempo achei que os Gardes fossem apenas histórias e cicatrizes... É quase um choque descobrir que Ethan chegou a conhecer um deles.

— Ah, sim — ele responde. — Acho que você não ia gostar dele. É arrogante e pretensioso. Um carinha bonito. E sabe onde ele e o Cêpan moravam, enquanto você batia carteiras na praia para sobreviver? Em uma cobertura enorme em Chicago. Levando uma vida de luxo. A vida que *você deveria* estar levando, e que *está*, desde que o acolhi.

O último ano da minha vida foi uma mentira. Não é de surpreender que não tive a sensação de ser caçado aqui em Miami. Estive sob os cuidados deles todo este tempo.

— Mas... — Tento encontrar as palavras. — Rey... Meu destino...

— Seu destino é o que você fizer dele — Ethan retruca.

Ele procura algo no bolso da calça e logo em seguida ouço um clique metálico na porta atrás de mim.

— Você está livre para partir, se quiser. Mas pense nas consequências. Três já morreram. Os outros terão o mesmo fim, com o tempo. Você pode morrer com eles, lutando em uma guerra que herdou, em que foi forçado a entrar, ou pode viver como um rei. Os mogs lhe darão a Terra. Darão tudo o que quiser. Você foi criado para pensar neles como inimigos, mas apenas porque isso era tudo o que você sabia. É como uma lavagem cerebral. Tente ver as coisas de uma nova perspectiva. Os mogs não são seus inimigos. São sua única chance de sobrevivência.

Não.

Antes que Ethan tenha a chance de falar mais, uso a telecinesia para escancarar a porta e saio voando pelos céus. Por um segundo, fico preocupado com a possibilidade de que algo vá me abater — talvez armas ou lasers escondidos nas árvores da mansão de Ethan —, porém nada me impede de partir.

Voo sobre o mar, baixo o bastante para não ser visto. Os Gardes. Ethan. Os mogs. Minha mente está uma confusão, não consigo raciocinar direito. Não é de grande ajuda o fato de eu estar cercado pelo oceano e nada mais, trazendo de volta as memórias do pequeno veleiro de Rey, de estar perdido no mar à beira da morte.

Como posso ter errado tanto em tudo o que fiz?

Voo de volta para a terra firme, a vários quilômetros da casa de Ethan, tentando me acalmar e pensar com clareza. Pouso no topo do prédio mais alto do centro de Miami e me acomodo na beira do telhado. E então fico sentado, procurando entender aquilo tudo.

Tudo o que aconteceu na minha vida depois da aterrissagem na praia pode ter sido planejado pelos mogs. Bem, não tudo. Deve ter demorado um tempo para os boatos se espalharem. Tudo depois do encontro com Ethan deve ter sido armado, mas o que aconteceu antes talvez não seja.

Como Emma. Será que ela sabia sobre mim? Ela era apenas uma espiã para me colocar no radar de Ethan? Parte do plano? Por algum motivo, minha mente está desesperada pelas respostas. Quando ela me chamou de monstro, será que realmente pensava assim ou que a tinham mandado fazer aquilo?

Pego a bolinha de borracha do bolso e a faço rolar pelos nós dos meus dedos. É a única parte do meu passado que ainda possuo. Isso e...

Droga.

Minha Arca Lórica está lá no meu quarto, na casa de Ethan. É claro que me esqueci dela. Sou tão idiota. Se estivesse vivo, Rey ficaria furioso ao saber que deixei a arca para trás, como no falso ataque mog lá da ilha.

Mas Rey não está aqui. Não foi sequer um mogadoriano que o matou. Foi este planeta. Ou seu próprio corpo.

Rey não está aqui. Ninguém está. Apenas eu.
Estou sozinho outra vez.

Penso nos outros Gardes. Os mogs têm Nove em seu poder. Isso quer dizer que apenas cinco de nós estamos vivos e livres. Nós cinco contra o mundo. Contra *vários* mundos.

Eu me pergunto se Ethan tem razão. Talvez o plano derradeiro de Lorien, de pôr um bando de crianças sob um encantamento e mandá-las para outro planeta, nunca tenha tido chance de dar certo. Nunca sequer fomos consultados se era aquilo mesmo que queríamos fazer. Ninguém nos perguntou se queríamos ser os escolhidos.

De repente me lembro de um filme a que assisti com Emma antes de tudo dar errado. Era uma história de terror, mas rimos o tempo inteiro. Havia uma ilha tomada por um culto, e um homem naufraga lá. Ele e o público sabem que as pessoas do culto são loucas, mas elas não. Passaram a vida inteira fazendo parte do culto, não percebiam que eram os vilões.

Será que aquela também era a minha história?

Gostaria que Rey estivesse aqui para explicar as coisas. Ele já está sumindo da minha memória. E só me lembro bem das regras, da decepção ou do treinamento que falhou.

E das últimas palavras dele: *Faça o que for preciso para sobreviver.*



Passo a noite inteira no telhado. Pela manhã, ainda não sei qual vai ser meu próximo passo. E, mesmo sabendo que não é uma boa ideia, que o lugar provavelmente está sendo vigiado, vou para a praia onde conheci Emma.

Encontro a barraquinha de *arepas* onde comprei nosso lanche.

O dono leva alguns segundos para me reconhecer, por causa do ganho de peso e do cabelo curto. Quando finalmente se lembra de mim, parece assustado.

— Você viu a Emma por aí? — pergunto.

Ele sacode a cabeça de leve.

— Ela se foi.

— Como assim se foi?

Meu coração acelera. Se os mogs a mataram...

— A família se mudou há alguns meses. O irmão dela passou um tempo no hospital, e, quando saiu, eles decidiram começar uma vida nova em outro lugar. Se mudaram às pressas.

O rosto dele está ficando pálido. A princípio, penso que os mogs apareceram atrás de mim, ou algo assim, mas então percebo que seu medo é de mim. Emma deve ter contado a ele, ou aos locais, o que viu. A aberração que eu sou.

O homem faz o sinal da cruz. Ele continua falando, mas vou embora.

Ando sem rumo enquanto a frustração cresce em mim. Quatro dos outros Gardes estão livres, mas escondidos. Devem estar morando em arranha-céus ou coberturas, como Nove. E aqui estou eu, sozinho outra vez. Esquecido. Tendo que recomeçar.

Alguma coisa quente ferve em mim. Dou um soco na parede de uma loja ao lado. Então, algo estranho começa a acontecer.

Meu corpo muda.

Posso senti-lo se tornando mais duro e pesado. Minha pele fica seca e parecida com tijolo.

Recuo alguns passos e esbarro em uma placa de PARE. Apoio uma das mãos nela, para me equilibrar — estou tonto —, e a aperto. O metal amassa sob meus dedos.

Então minha pele muda outra vez. Fica com um reflexo prateado. Dou uns passos desajeitados para a frente, minha pulsação está acelerada. Eu me encosto na vitrine de uma loja. Mudo outra vez. Levanto uma das mãos. Consigo ver através dela.

Vidro. Virei vidro.

A princípio penso que estou morrendo. Talvez tenha sido envenenado, de algum jeito. Mas, a cada passo, a cada material que toco, fica mais claro o que está acontecendo.

Estou me transformando nos elementos em que toco.

Minhas mãos tremem. Meus olhos ficam arregalados e secos. Faço tudo o que posso para continuar respirando em um ritmo

regular.

É de manhã bem cedo, e não há muita gente na rua, mas isso vai mudar. Logo multidões vão surgir por todos os lados. O que quer que esteja acontecendo comigo, não posso ficar à vista de todos.

Preciso ir para um lugar seguro. Um abrigo.

Não quero ficar sozinho.

Só conheço uma pessoa que pode me ajudar. Só conheço uma pessoa, ponto.

Dou um jeito de voltar ao normal, de virar um humano de carne e osso outra vez, então disparo para o ar, voando mais rápido do que nunca. Deixo a cautela de lado enquanto atravesso a cidade bem alto. Quando caio na praia nos fundos da propriedade de Ethan, uma das empregadas me vê e entra correndo.

Tento me levantar, mas começo a afundar de repente. Não, não estou afundando: estou me desfazendo, minhas pernas estão se desintegrando, quebrando-se em pedacinhos e se transformando em minúsculos grãos de areia. Estou me fundindo à praia. Solto um grito quando começo a me desfazer.

O que está acontecendo?, eu me pergunto, desesperado. Então surge um pensamento mais urgente: *Vou morrer como areia.*

— Cody! — Ouço alguém gritar.

É Ethan. A empregada deve tê-lo encontrado.

Meu tórax está se desfazendo. Tento gritar para chamar Ethan, mas só o que sai da minha garganta é um sussurro fraco. Tento alcançar algum lugar à frente, mas meus braços já começaram a desmoronar.

Ele corre direto para mim, agarrando minha mão da melhor forma que consegue, mas parte dela escorre por entre seus dedos. Parte de mim toca o relógio de pulso dele, e começo a ficar sólido outra vez. Desta vez, com um reflexo metálico meio dourado. O restante do meu corpo se transforma.

Começo a hiperventilar. Meu coração bate forte no peito, e, por um momento, juro que ele soa como metal golpeando as costelas. Isso me deixa ainda mais desesperado e não consigo mais recuperar o fôlego.

— Calma! — Ethan fala. — Isso é... — Ele tem dificuldade para encontrar a palavra ideal. — Acho que você está desenvolvendo novos poderes, ou algo assim.

Calma!? Ele só pode estar brincando.

— Respire, Cody — ele diz.

Quase grito “Você sabe que esse *não é o meu nome!*”, mas me contenho.

A empregada surge outra vez e entrega uma pequena bolsa preta para Ethan. Ele lhe diz algo que não consigo ouvir, enquanto continuo a ter o maior ataque de pânico de todos os tempos.

Ele tira um frasquinho da bolsa. Quebra no meio e o segura bem junto ao meu rosto.

— O que é... — começo a perguntar.

— É apenas algo para ajudar você a relaxar — ele explica.

Uma espécie de fumaça branca sai do frasco, e eu começo a me sentir mais leve e tonto.

— Pronto, já passou — diz.

Ele segura a minha mão para me ajudar a levantar, e não sei se é por causa da fumaça esquisita ou por estar tocando uma pessoa, mas volto a ser eu. Feito de carne e osso, sem parecer um robô esquisito de ouro.

Antes que eu me dê conta, porém, fica difícil raciocinar — fica difícil até *sentir* alguma coisa —, e apago.



Quando acordo, espero me encontrar algemado ou preso de algum outro jeito, mas estou apenas deitado nas cobertas. A janela inclusive está aberta. Minha bolsa de lona repousa ao meu lado na cama, com a Arca Lórica ainda lá dentro.

Ethan está sentado em uma cadeira ao pé da cama.

— Boa tarde — ele diz.

Há certa hesitação em sua voz, como se ele não tivesse certeza de como agir. Ou de como *eu* vou agir.

Olho ao redor, passando o braço pelas alças da bolsa.

— O que foi aquilo que você me deu? — pergunto, pensando na estranha fumaça branca.

— Nada perigoso — ele responde —, apenas um tranquilizante. Eu estava com medo de que você acabasse se machucando, se não parasse de se transformar.

Meu coração começa a bater depressa quando me lembro da sensação de me desfazer na praia.

— Não — Ethan diz, em seu tom de voz com mais autoridade. — Fique calmo. Respire fundo. Você não quer começar a mudar de novo.

Assinto com a cabeça, tentando me concentrar em respirar fundo e devagar. Ainda me sinto um pouco dormente por causa daquela droga. Estou alerta e concentrado, mas relaxado.

Ethan franze a testa. Ou ele está genuinamente preocupado comigo, ou é um ótimo ator. Não sei em que acreditar, a esta altura. Ele deixa as mãos caírem ao lado do corpo.

— Tenho certeza de que você tem muitas perguntas — diz. — Estamos sozinhos, só você e eu.

— Como se eu pudesse acreditar no que você diz.

— É importante para eles que você se junte a nós por vontade própria. Somente assim faz sentido. Os mogadorianos não querem alguém que eles precisem obrigar a governar. Querem alguém que *queira* ser parte da causa.

— Vontade própria? — murmuro. — É disso que chama as mentiras que me contou?

Ethan franze a testa.

Agarro as alças da bolsa. Posso sair pela janela em um segundo, se for preciso. Entretanto, grande parte de mim quer conversar com Ethan, descobrir por que ele fez essas coisas. Quero respostas para todas as perguntas guardadas em mim.

— Emma era parte disso?

— Emma? — Ethan repete, franzindo a testa. — Não, ela não sabia de nada do que estava acontecendo. Os homens que os atacaram no armazém *eram* armação, mas eu não fazia ideia, sinceramente, de que o irmão dela estaria entre eles. Eram apenas lacaios. Acho que a família dela se mudou para Tampa quando você

veio para cá. Nós os vigiamos. Poderia trazê-la aqui, se você quisesse.

— Não — respondo.

Isso só significa que o ódio dela por mim, que ela ter me chamado de aberração, foi real. Ela não era minha amiga de verdade. Eu me pergunto se é assim que todos os humanos reagem aos Legados e a superpoderes como os meus.

— Você encontrou Emma sozinho. Tudo que fiz foi dar um empurrãozinho. Tudo que fiz foi aparecer na praia e lhe dar uma chance. Você veio a nós. Você só não sabia quem éramos. — Ele se inclina um pouco. — Pense nisto. Os loriens nunca lhe deram a escolha que estamos lhe dando. Eles puseram um encantamento em vocês e os mandaram embora. Disseram quem vocês tinham que ser. Estou oferecendo apenas uma alternativa. Uma alternativa *melhor*.

— E os outros Gardes?

Ele dá de ombros.

— Talvez eles também consigam enxergar a razão.

— E se eu for embora?

— Não vou impedi-lo — Ethan responde, parecendo muito sério. — A última coisa que quero é que você se machuque. Porém, depois que você partir, não poderei mais protegê-lo. Se recusar a oferta, virará o inimigo. E não estará seguro aqui. Você já deve ter adivinhado, mas esta casa não é *minha*. Os mogadorianos arranjaram tudo.

— Se eu partir, isso significa que você falhou em sua missão, não é mesmo? — pergunto.

Ethan confirma com a cabeça.

Sei o que isso significa. Já ouvi o bastante sobre a crueldade dos mogadorianos para saber que eles não toleram falhas. Se eu partir, Ethan provavelmente morrerá.

Olho para ele. Tudo aconteceu tão depressa. Tudo *mudou* tão rápido.

— Eu conheço você, Cinco — ele argumenta. — Sei que gosta de se sentir no controle, ser respeitado. Quando estiver no comando ao lado dos mogs, você vai se sentir assim sempre. Conheço o poder

deles. É impressionante. E eles querem que você seja parte disso. Querem você ao lado deles, como um *deles*.

— O mundo inteiro lá fora pode ser seu — digo, citando o lema favorito de Ethan.

— O mundo inteiro — ele concorda.

Fecho os olhos. É muito para absorver. Mas o que Ethan diz faz sentido. A maior parte, pelo menos.

Os Gardes deixaram um homem moribundo para me proteger. Os mogs me treinaram e me deram tudo o que eu queria. Eles *cuidaram* de mim. Durante toda a minha vida, foram *eles* que me mostraram mais respeito.

São eles que podem me manter vivo.

Penso nos outros Gardes. Na vida fácil que devem ter levado. Com Cêpans competentes. Morando em cidades. Um dia, é capaz de eles olharem para mim e me dizerem que os traí. Mas quem sabe? Talvez entendam. Se eu puder falar com eles, talvez mudem de opinião. Por que deveríamos ser caçados como animais se podemos governar? Os humanos não têm poderes como os nossos. Eles pensam que somos aberrações. Monstros. Podemos mostrar a eles quem somos de verdade, juntos.

— Está bem — concordo, devagar. — Qual é o próximo passo?

Uma expressão de alívio surge no rosto de Ethan, e ele volta a abrir o sorriso que já conheço bem.

— Vou informá-los — ele diz. — Arrume suas coisas. Eles vão querer falar com você assim que possível.

Assinto com a cabeça e me encaminho para as escadas.

— Ei. — Ethan se vira para mim antes de sair. — Estou orgulhoso. Você está tomando a decisão certa. A decisão mais *inteligente*. Este é o maior teste de todos.

Caminho como se estivesse em um sonho. Meu corpo se move, mas é como se outra pessoa estivesse no controle. Por um momento, eu me pergunto se não estou em choque. É isso que dizem na tevê, quando alguém passa por algo tão insano quanto isto.

— Vamos para o norte! — Ethan grita das escadas. — Leve um casaco!

Pego algumas roupas de frio no fundo do closet, coisas que Ethan comprou para mim há algum tempo e que nunca tive motivo para usar. Depois vou para a porta.

Paro e me viro. Pego minha bolsa de lona e tiro a Arca Lórica, deixando-a na cama. Todas aquelas coisas inúteis ainda estão ali. Passo as mãos pelos itens antes de pegar a lâmina oculta.

Talvez seja uma boa ideia deixar isso à mão, só para o caso de termos problemas.

Coloco a munhequeira e então a luva por cima.

Só para o caso de termos problemas.

Ouçó um barulho vindo de fora da mansão. Pela janela vejo um helicóptero preto pousando no enorme jardim da casa.

CAPÍTULO DEZ

Parece que já estamos há um bom tempo no helicóptero. É pequeno, mas veloz. Não sei quem é o piloto, e não pergunto. Tudo o que sei é que temos que usar esses enormes fones de ouvido com rádios embutidos e que abafam o ruído. E esse é o único jeito de nós três — Ethan, o piloto e eu — conversarmos. Nenhum de nós faz isso, o que, por mim, tudo bem. Estou ocupado demais tentando permanecer calmo, concentrando-me em observar a grama e as estradas que passam rapidamente lá embaixo. Fazendo de conta que os carros e caminhões são de brinquedo.

Ethan não para de sorrir, parece que acabou de ganhar na loteria. Imagino que os mogs vão lhe dar alguma espécie de recompensa por me recrutar. Começo a analisar tudo o que ele disse e fez no último ano, mas me obrigo a parar. Toda vez que faço isso, começo a duvidar se fiz a escolha certa. Então, em vez disso, apenas olho para nuvens, cidades e pastos que passam depressa debaixo de nós, tentando me preparar para o que vier em seguida, seja lá o que for. Respiro fundo e mantenho as mãos bem juntas, tentando não pitar com o fato de que estou indo para uma base mogadoriana.

Por alguma razão, achava que eles fossem me levar para uma espécie de nave espacial alienígena, ou até mesmo uma mansão gótica. Entretanto, nós pousamos em um prédio grande e de aparência insossa. Está escuro lá fora, mas, pelo que posso ver, parece ser uma espécie de escritório gigante, e não o quartel-general que eu imaginava que os mogs usariam.

Homens de terno preto nos encontram na porta de entrada. Eles têm uma aparência até que bem humana, e me cumprimentam com um movimento da cabeça — quase uma pequena reverência — quando nos aproximamos. Tento não ficar trêmulo, o que requer

muito esforço. Tudo parece novo, diferente e aterrorizante, e, por alguns momentos, só o que eu queria era estar de volta em minha pequena ilha, sentado na praia, mesmo que, a esta altura, provavelmente não fosse capaz de encontrá-la nem se quisesse.

— Seja bem-vindo, senhor — os dois homens dizem.

Lá dentro, nossa escolta passa por uma mesa de recepção e pela segurança. Reparo em uma placa na parede: *Federal Bureau of Investigation*.

— Isto aqui é um prédio do *governo*? — sussurro para Ethan.

— Eu falei — ele responde. — Eles estão em todo lugar. Têm recursos em todos os cantos.

Ele pisca para mim, embora essa informação seja impressionante e desconcertante. Estou começando a entender como toda aquela história de fugir e se esconder era inútil.

Continuamos a percorrer os corredores em silêncio, descemos um lance de escadas e chegamos ao que deve ser o subsolo. Finalmente, paramos em frente a duas portas, uma ao lado da outra.

— Você entra aqui — um dos homens diz, indicando-me a primeira porta. Então se vira para Ethan e diz: — E você entra pela outra.

— Só um momento — digo, dando um passo à frente.

Eles não podem nos separar. Não quero ficar sozinho aqui. O pânico cresce em mim. Posso sentir minha pele começar a mudar, adquirindo as propriedades das alças da minha bolsa de lona, que são macias e de couro.

— Por que não podemos...

— Está tudo bem — Ethan diz com a voz mais tranquilizadora que pode. Funciona, já que começo a me acalmar. — Eles só querem falar com você. Deve ser alguma informação secreta, ou algo do tipo. Está tudo bem. Você é um convidado VIP. Não se preocupe.

Assinto com a cabeça, relutante. Ethan entra na sala que lhe indicaram. Fico parado por alguns segundos, até que um dos homens pigarreja. Lanço a ele um olhar irritado, então entro.

É o tipo de sala que reconheço dos vários seriados policiais que vi na tevê a cabo no ano passado. Há apenas uma lâmpada pendurada no teto, algumas cadeiras e uma grande mesa de metal,

bem no centro, que poderia muito bem servir como mesa de operações também. É uma sala de interrogatório. Engulo em seco.

— Por favor, sente-se — uma voz diz.

Eu me viro e vejo, de pé no canto, o mogadoriano com quem Ethan estava conversando por videoconferência ontem à noite. O cabelo brilhoso reflete a luz da luminária pendurada, os olhos negros cintilam. Os lábios se abrem em um sorriso, mostrando os dentes cinzentos. O mog deve ter no mínimo dois metros.

— Estávamos à sua espera, Cinco — ele continua, a voz melodiosa e baixa, enquanto indica uma das cadeiras.

Hesito, mas acabo me sentando. Ele se senta de frente para mim.

Estou sentado na frente de um mogadoriano.

De repente, só consigo me lembrar das histórias que Rey contava quando eu era pequeno. Sobre como os mogs invadiram nosso planeta e todos os terrores que trouxeram consigo. O tipo de coisa que faria qualquer um pensar que eram monstros, e, embora este cara seja bem esquisito e intimidante, não parece muito diferente de mim, apesar de tudo.

Mesmo assim, tenho dificuldade em conter o tamborilar de dedos na mesa. Tiro as mãos dali e cruzo os braços. Então sinto a luva lórica com a lâmina oculta.

Rey sempre me disse que, caso eu fosse pego, seria torturado. Se isto tudo for uma armação para me torturar, será que serei rápido o bastante para usar a lâmina e escapar? Seja matando o mog, ou a mim mesmo?

— Estamos muito felizes com sua decisão de se juntar a nós, jovem loriemo — o mog continua.

— Não tenho muita escolha, se quiser viver — respondo.

— Um rapaz inteligente. Sempre soube que estávamos certos em apostar em você. Se mais gente do seu povo fosse capaz de ver a verdadeira grandeza de nosso poder e como é inevitável ser dominado pelos mogadorianos, haveria menos baixas.

— Vocês estão em contato com os outros? — pergunto.

— De certa forma.

— Qual é o plano? Vão atrás de Quatro, agora?

— Considerando o feitiço que os protege, isso *faria sentido* — o mog responde, com um sorriso largo que deixa à mostra os dentes horrorosos mais uma vez. — É claro que esse feitiço deve ter suas limitações. Por quanto tempo acha que vai funcionar? Temos muitos soldados e mensageiros dispostos a testar a duração desse encantamento, felizes em morrer em nome do nosso futuro.

Ele vai tentar me matar, penso. No mesmo instante, tiro a luva e coloco a mão na mesa. É quase instintivo. Não treinei meu novo poder, mas arrisco. E, sem falhar, minha pele fica prateada quando absorvo as propriedades do metal. O mínimo que isso vai fazer é me dar mais tempo, caso ele me ataque.

O mog dá uma risadinha.

— Ah, não se preocupe. Temos *outros alvos* em quem testar essa teoria. Ainda não ficou óbvio que temos um futuro muito melhor preparado para você?

— Tem outros Gardes *aqui*?

Eu me lembro de Ethan mencionar que Nove tinha sido capturado. A ideia de encontrar outro da minha espécie acelera minha pulsação.

Não quero fazer isso. Não agora, pelo menos. Não conseguiria encará-los como aquele que os traiu. Não até ficar mais forte, até organizar meus pensamentos e ser capaz de convencê-los de que estou certo.

— Quando for a hora, você saberá tudo, como nos certificamos de que seremos bem-sucedidos no extermínio dos Gardes. Mas não podemos sair contando todos os nossos segredos, não é mesmo? Não se você estiver planejando uma dupla traição e for reportar tudo o que sabe a eles. Você precisa provar sua lealdade, antes de continuarmos.

Hesito e me concentro em controlar a respiração. Em me acalmar. Meu corpo volta ao normal e apoio as mãos na mesa.

— Um poder bem útil — o mog diz. — Ethan não o mencionou nos relatórios.

— É novo — explico. — Muito novo.

Ele apenas assente.

— Podemos ajudá-lo com isso. Com todas as suas habilidades. Quando terminarmos o treinamento, você vai ser um dos mais poderosos da nossa tropa. Não haverá lugar neste planeta *digno* de seu comando.

Uma fagulha se acende em mim. A memória de um lugar. Um destino aonde nunca cheguei.

— O Canadá — falo.

— Perdão?

— O Canadá. Eu gostaria de comandar o Canadá.

O mog parece confuso por um momento, mas depois sorri.

— Que tal começarmos com a América do Norte inteira?

Assinto com a cabeça. Não consigo imaginar outra forma de responder depois de ele me oferecer um continente.

— Mas, primeiro, a sua lealdade — ele continua. — Esse tipo de acordo geralmente é fechado com sangue.

Sangue?

— O que você quer que eu faça?

O mog vira a cabeça, indicando a sala onde está Ethan.

— Ele nos serviu bem.

— O quê? — pergunto.

Ethan? Meu estômago fica embrulhado. Ele certamente não quer dizer o que estou pensando. Ele não deve querer que eu mate a única pessoa que tenho no mundo.

— Mas vocês fizeram um acordo com Ethan. — Minha voz quase sai trêmula.

Estou prestes a continuar, quase implorando. O mog apenas faz um barulho que deve ser uma risada, só que parece mais alguém engasgando.

— Não, meu rapaz. Não vamos pedir que você machuque Ethan. Aquele humano nos serviu muito bem. E honramos nossos compromissos. Estou apenas comentando que Ethan, para provar as intenções dele, passou pelos mesmos testes a que você será submetido no futuro. Sua lealdade a ele é louvável, mas precisaremos fortalecer sua resolução.

Solto um suspiro longo e profundo.

O mog põe uma pasta na mesa.

— Haverá um sacrifício para nós. Não neste instante, apenas quando você estiver pronto. Quando tivermos concluído seu treinamento e alcançado seu potencial máximo. Tem uma foto do alvo, aqui dentro. — Ele desliza a pasta até mim, pela mesa. — Gostaria de ver quem é?

Não toco o documento.

— Estamos lhe oferecendo o mundo, Cinco. Prove que é capaz, e o transformaremos em um deus para este planeta. Se estiver falando sério sobre se juntar a nós, é isso que deve fazer. Não apenas como prova de lealdade, mas como prova de que tem os pré-requisitos para governar em nome de Mogadore. Muito ainda está por vir. Não temos lugar para fracos.

E, se eu *não* obedecer, eles vão me jogar em uma cela e, provavelmente, me torturar. E fazer o mesmo com Ethan. Ele não diz isso, mas sei que deve ser assim.

Por um momento, a cena parece estranhamente familiar. Minha mente volta para nossa pequena cabana na ilha. Os porcos guinchando desesperados, quase gritando, no chiqueiro. A cobra pronta para dar o bote. Rey me disse para matá-la antes que ela machucasse um de nós. Era a cobra ou a gente. Tinha que ser daquele jeito.

A lembrança parece tão distante. Parece ter acontecido há tanto tempo.

Apenas fiquei parado, sem vontade de agir. Torcendo para que tudo desse certo, de algum jeito, que o perigo passasse sozinho.

Entretanto, o mundo não funciona assim. Não adianta nada ficar sentado esperando o perigo vir até mim. Pelo menos, ao lado dos mogs, conhecerei o perigo. *Eu* serei o perigo.

Faça o que for preciso para sobreviver.

As últimas palavras de Rey.

— Tudo bem — concordo. Minha voz está um pouco trêmula, e tento mantê-la firme ao continuar: — Se for isso que preciso fazer para provar minha lealdade.

O mog sorri. Olho para a pasta.

Não preciso abri-la, mas percebo que isso, como tantas outras coisas na minha vida, é um teste. Para ver se tenho estômago para

enfrentar o que virá a seguir. Vou precisar me acostumar com esse tipo de coisa. Ficar mais duro. Os mogs não vão me mimar, disso não tenho dúvidas. São implacáveis e poderosos. E eu também precisarei ser.

Respiro fundo e abro a pasta.

Sobre o autor

© Howard Huang



Pittacus Lore é o Ancião a quem foi confiada a história dos Iorienos. Passou os últimos anos na Terra, preparando-se para a guerra que decidirá o destino do planeta. Seu paradeiro é desconhecido.

www.serieoslegadosdelorien.com.br

Conheça os livros da série

OS LEGADOS  DE LORIEN



Eu sou o Número Quatro



O poder dos seis



A ascensão dos nove



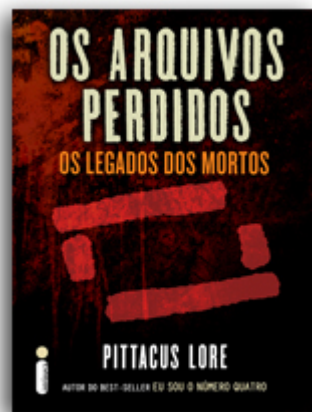
A queda dos cinco



Os arquivos perdidos:
Os Legados
da Número Seis



Os arquivos perdidos:
Os Legados
do Número Nove



Os arquivos perdidos:
Os Legados
dos mortos



Os arquivos perdidos:
A busca
por Sam



Os arquivos perdidos:
Os últimos dias de Lorien



Os arquivos perdidos:
Os esquecidos